



25 DE ABRIL SEMPRE!

JORNAL INTERESCOLAR

ESCOLAS DO CONCELHO DO SEIXAL

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

N.º 10 - 2024 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Ilustração: Laura Carvalho, 9.º A, Escola Básica Pedro Eanes Lobato



PAULO SILVA
Presidente da Câmara Municipal do Seixal

EDITORIAL

Comemorar os 50 anos do 25 de Abril com um projeto concretizado pelos alunos das escolas públicas do município do Seixal, no qual se fala sobre a importância da Revolução de 1974, é uma excelente razão para associar este tema ao Plano Educativo Municipal 2023-2024 e ao *Jornal Interescolar*, que vai já na sua 10.^a edição.

O 25 de Abril de 1974 é uma das datas mais importantes da nossa história contemporânea, mas para muitos jovens é apenas um acontecimento de há 50 anos, distante e desconhecido. O 25 de Abril trouxe uma nova forma de cidadania que nos permite exercer os direitos e os deveres da participação ativa, na construção de uma sociedade mais justa, onde todos têm direito à saúde, à educação, ao emprego, à justiça, à cultura e à igualdade social. Participar neste projeto é homenagear a Revolução, numa das suas mais nobres e importantes conquistas – o direito à opinião e à liberdade de expressão. O *Jornal Interescolar* é um instrumento privilegiado de ligação entre os vários intervenientes que constituem a comunidade educativa, sendo um excelente veículo de informação e divulgação do que acontece nas nossas escolas, que privilegia a liberdade de expressão. Os temas abordados neste jornal foram escolhidos e elaborados pelos alunos que nele participam, este ano e pela primeira vez, de todos os agrupamentos e escolas secundárias de ensino público do concelho, acompanhados pelos seus professores. A Câmara Municipal do Seixal manifesta às escolas, aos alunos, aos professores, aos entrevistados e a todos os que participaram neste projeto o seu agradecimento pelo entusiasmo com que colaboraram no *Jornal Interescolar* com o tema «25 de Abril Sempre!», no ano comemorativo do 50.^o aniversário do 25 de Abril. Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade de expressão! Viva a felicidade!

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VALE DE MILHAÇOS

Os alunos tiveram, pela primeira vez, a oportunidade de participar no *Jornal Interescolar* e foi com empenho que todas as turmas do 3.^o ciclo e os alunos com Programa Educativo Individual, orientados pelos docentes de Português, História e Educação Especial, responderam ao repto.

Este projeto é uma mais-valia, porque dá aos jovens a possibilidade de desenvolverem competências, como a capacidade de escrita, a comunicação de ideias de forma clara e eficaz, a utilização de ferramentas de edição de texto, o desenvolvimento da sensibilidade estética e a cidadania ativa.

Além disso, promove a responsabilidade, o espírito crítico e a criatividade. É uma forma de dar voz aos alunos para expressarem as suas opiniões, partilharem conhecimentos e divulgarem eventos e projetos realizados na escola. A colaboração no jornal desperta nos alunos a consciência crítica perante a realidade que os rodeia, tornando-os cidadãos conscientes, informados e participativos.

O tema do presente ano do jornal – 50 anos do 25 de Abril – é uma oportunidade para que os jovens compreendam e valorizem o legado da Revolução dos Cravos e a sua relevância na construção da sociedade. Assim, foi possível recolher informação, testemunhos e refletir sobre esse acontecimento e as repercussões que tem ainda na vida atual.

Prof.^a Fátima Valente

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. ANTÓNIO AUGUSTO LOURO

Para mim, participar no *Jornal Interescolar* (*Jl*) tem sido uma forma de despertar nos alunos, especialmente nos do Clube de Jornalismo e seus colaboradores, a curiosidade e a vontade de aprender cada vez mais, proporcionando-lhes momentos de encontro e descoberta importantes, de forma mais informal e em contextos diversos.

Não esqueço a frase com que um aluno concluiu, em maio de 2021, um pequeno artigo sobre a sua experiência no lançamento do *Jl*: «Estou ansioso para saber qual o próximo tema!».

E vou também, seguramente, guardar na memória a emoção e o sentimento de gratidão manifestados por uma das alunas participantes após a palestra deste ano.

Prof.^a Anabela Carreira

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS JOÃO DE BARROS

O *Jornal Interescolar* promove a divulgação e a partilha das atividades desenvolvidas nas várias escolas do município. Proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolverem competências como a escrita, edição, *design* gráfico, leitura e trabalho colaborativo.

Além disso, dá aos jovens a capacidade de argumentar e defender as suas ideias, expressar opiniões e inquietações, estimulando o pensamento crítico e a consciência social.

Em suma, o *Jornal Interescolar* é um recurso valioso para o desenvolvimento académico e pessoal dos alunos, para a promoção da integração e participação democrática e para a preservação da identidade cultural e histórica da região.

Prof.^{as} Sílvia Fain, Paula Barroca e Sónia Almeida

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS TERRAS DE LARUS

O Agrupamento de Escolas Terras de Larus participa em 2024, e pela primeira vez, no *Jornal Interescolar*. O desafio lançado pela Câmara Municipal do Seixal foi agarrado, desde logo, pelas bibliotecas escolares que incluíram esta atividade de literacia dos *media* no seu Plano Anual de Atividades, coordenando o envolvimento e participação de todo o agrupamento.

A participação nesta edição do *Jornal Interescolar* é especial tendo em conta o tema «50 anos do 25 de Abril», permitindo às nossas crianças e jovens conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre este marco da História de Portugal que implantou os valores democráticos e o direito à liberdade, para além de muitas outras conquistas, para os portugueses.

Procurou-se neste verdadeiro exercício de cidadania e de comunicação, acima de tudo, garantir o envolvimento de todos os níveis de ensino (pré-escolar, 1.^o, 2.^o e 3.^o ciclos), alunos surdos da Escola Referencial de Ensino Bilingue (EREB), professores, educadores e técnicos responsáveis. Os alunos através de pesquisas realizaram variadas produções, como uma cronologia, trabalhos plásticos, entrevistas, textos de opinião e ilustrações, desenvolvendo as suas competências de informação, leitura, escrita, espírito crítico, criatividade, assim como a cooperação e o trabalho entre pares. Estas promoveram, igualmente, o envolvimento das famílias, uma cidadania ativa e uma atitude ecológica com a reciclagem de materiais.

O Agrupamento de Escolas Terras de Larus vê a sua missão cumprida na participação desta edição do *Jornal Interescolar*, atendendo à diversidade na produção de géneros jornalísticos e ao empenho de todos os envolvidos que representam o verdadeiro espírito da comunidade deste agrupamento.

Prof.^{as} Celina Busto e Graça Henriques

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AFONSO

Há dez anos, (re)nascia este projeto singular no concelho do Seixal. Tudo começou com a proposta da Helena Teixeira, do Gabinete de Projetos Educativos (GPE) da Câmara Municipal do Seixal, a propósito do 40.^o aniversário do 25 de Abril, tema do projeto a relançar. A Biblioteca Escolar aderiu imediatamente e conseguimos parcerias internas que nos permitiram participar nesta aventura.

Ao longo destes 10 anos, várias equipas de alunos e os docentes Antónia Fradinho e Dulce Oliveira (Português), Luís Filipe Santos e Luís Sousa (História), Isabel Vaz, Maria de Jesus Dâmaso e José Sebastião (Artes) assumiram connosco este desafio.

Esta participação representou mais uma oportunidade de trabalho colaborativo a partir das propostas de temas que o GPE apresenta cada ano letivo. O *Jornal Interescolar* (*Jl*) acompanha as efemérides e os debates contemporâneos como o foram, por exemplo, «Escola Pública para Todos», «Eu Participo», «Igualdade com Direitos», «6.^o ODS – Paz, Justiça e Instituições Eficazes» e, o deste ano, «25 de Abril Sempre!», que celebra os 50 anos da revolução da Liberdade.

O *Jl* emerge também como espaço de experimentação e diálogo alargado. Um projeto que traz os alunos para fora da sala de aula para um contexto criativo, para um trabalho de equipa é sempre enriquecedor e tem em si desafios que quebram o ritmo diário do trabalho escolar, em que aprender com a biblioteca escolar é um pilar fundamental.

Ao longo destes anos, os alunos puderam entrevistar Alexandre Farto aka Vhils; Francisco Fanhais, músico amigo de Zeca Afonso; Jorge Miranda, distinto constitucionalista; Chullage, rapper, sociólogo, ativista, e incluir nos seus artigos a opinião e a participação da comunidade escolar, sobre a violência/*bullying*, igualdade de género, educação e arte, a participação nos projetos e clubes da escola e na representação dos alunos como na associação de estudantes ou no conselho geral. Constitui, ainda diálogo que se substancia, tanto na presença de especialistas em sessões de esclarecimento, como nas sessões de lançamento – em que a animação é totalmente realizada pelas escolas. Da ESJA já se apresentaram alunos do Clube de Teatro, do English Reading Club, do Clube de Ciência Viva e alunos de Artes – que realizaram pintura ao vivo e uma exposição de cartazes alusivos aos 45 anos do 25 de Abril de 1974. Participámos ainda, em 2021, a convite da Rede de Bibliotecas Escolares, no programa Ao Vivo do jornal *Público*, onde demos testemunho deste projeto coletivo. Na escola, a oferta do jornal diretamente às turmas pelas equipas constitui um passa-a-palavra que procura cativar para a participação futura.

Fazer parte deste projeto e poder contribuir para o seu desenvolvimento é um privilégio.

Prof.^{as} Alice Santos e Dora Pinheiro

ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL CARGALEIRO

Integrei o projeto do *Jornal Interescolar* desde a sua segunda edição, no ano letivo 2013/2014, quando estávamos a comemorar os 40 anos do 25 de Abril. Recebemos o convite por parte da Câmara Municipal do Seixal e, desde logo, o Clube de Jornalismo abraçou o projeto com entusiasmo. Muitas foram as horas de trabalho coletivo, quer com a equipa do Clube de Jornalismo, quer com as várias equipas que ao longo dos anos foram integrando o *Interescolar*, mas o resultado fala por si. Foram vários os temas trabalhados, diversos os encontros proporcionados aos alunos com personalidades de várias áreas que, certamente, muito os enriqueceram. Depois de várias reuniões de trabalho, na escola e na Câmara Municipal do Seixal, e da fotografia da «praxe», chegava o tão aguardado momento do lançamento. Para além da emoção de vermos o resultado do trabalho de todos, a sessão de apresentação constituiu-se sempre como um momento cultural. É com orgulho que afirmo que a Escola Secundária Manuel Cargaleiro marcou presença na maioria deles, com momentos de poesia, canto e música. Por tudo, resta-me concluir que o *Jornal Interescolar* é uma mais-valia no panorama educativo e cultural do concelho e desejar que ele continue por muitos anos.

Prof.ª Júlia Freire

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PAULO DA GAMA

Não foi à primeira, atrasámo-nos um ano (quando estávamos em processo de criação do nosso Clube de Jornalismo), mas chegámos a tempo de comemorar os 40 anos da Constituição de 1976. O *Jornal Interescolar* apresenta-se como um projeto de cidadania, com o potencial de envolver as várias escolas e agrupamentos do concelho. É um ponto de encontro e de partilha que ultrapassa a sua edição – o que é mais visível para o público – tendo o mérito de suscitar outras atividades promotoras de reflexão e motivadoras da própria produção jornalística, para além do ambiente de festa da comunidade educativa que sempre proporciona na data do seu lançamento. Numa época em que tanto se questionam os *media* e se reflete sobre o seu papel, um projeto desta natureza desempenha um papel importante na formação de jovens, tornando-os mais autónomos, responsáveis e capazes de uma cidadania interventiva e ajudando-os a adquirir múltiplas literacias, que serão valiosas ao longo das suas vidas.

Profs. Ana Bela Matos e Carlos Carrasco

ESCOLA SECUNDÁRIA DE AMORA

Passados 50 anos do 25 de Abril e na sua comemoração, duas turmas da Escola Secundária de Amora decidiram juntas criar uma instalação artística alusiva. Para celebrar este momento, um lápis azul gigante, pintado com tinta azul e revestido com recortes de CD foi colocado no átrio da escola, no pavilhão A, simbolizando o lápis azul usado pela comissão de censura às ordens do Estado Novo. Importa realçar a construção artística suspensa, homenageando a Revolução dos Cravos, expressa na gradação cromática, simbolizando no azul a censura e no vermelho a cor da liberdade, como vemos na ilustração da autoria do João Xia, do 11.º G.

Os alunos quiseram, assim, avivar a nossa memória coletiva contra a ausência de liberdade de imprensa e opinião, tendo a instalação artística sido colocada num lugar de passagem diária de toda a população escolar.

Prof.ªs Gabriela Benavente, Lídia Afonso e Rosa Botequilha

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PEDRO EANES LOBATO

A participação no *Jornal Interescolar* é o nosso pequeno contributo para que os alunos «mergulhem» neste mundo da informação escrita e tomem consciência da sua importância para a construção de uma sociedade participativa e esclarecida.

Foi bom proporcionar-lhes a partilha de trabalhos que realizaram, sabendo que iriam ser divulgados por um público abrangente. Estando limitados, na maior parte do tempo, ao seu ambiente escolar, «sair daqui» foi gratificante para eles e para nós, pois obtivemos um retorno em forma de sorrisos orgulhosos.

Para além disso, estamos numa época em que o jornalismo enfrenta grandes desafios, todas as iniciativas que contribuem para a sobrevivência desta forma de comunicação são extremamente válidas, por mais singelas que se apresentem.

Queremos formar cidadãos críticos, que possam expressar livremente as suas ideias e que nunca se deixem privar dos valores que o 25 de Abril nos trouxe.

Prof.ªs Eunice Marques e Fátima Miranda



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PINHAL DE FRADES

Este projeto é a excelente forma, encontrada pela autarquia, para estimular os nossos alunos a escreverem e a produzirem, de forma criativa, diferentes manifestações da sua imaginação e arte. Nesta publicação podemos conhecer o que de melhor se faz nas nossas escolas, frequentemente isoladas na sua realidade. Através dela conseguimos partilhar diferentes ideias e perspetivas sobre um tema aglutinador. E isso é enriquecedor, não só para os alunos participantes, como para toda a comunidade educativa.

Numa sociedade e numa escola pública

que se quer cada vez mais integradora, multicultural e ativa, o *Jornal Interescolar* demonstra que esse caminho está a ser feito diariamente, anualmente, procurando que os valores de Abril, este ano tão lembrados, saiam do papel e sejam realmente vividos pelos nossos jovens.

Prof.ªs Paulo Rodrigues e Luísa Mateus

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUN'ÁLVARES

Somos docentes no Agrupamento de Escolas Nun'Álvares e na nossa opinião o *Jornal Interescolar* tem diversos objetivos, nomeadamente o desenvolvimento de habilidades: envolvendo os alunos, permitindo que repassem conceitos essenciais como responsabilidade, organização, disciplina e comprometimento. Além disso, é uma excelente forma de ajudar os alunos a aprimorar as suas habilidades de escrita, leitura e comunicação.

O *Jornal Interescolar* permite aos estudantes participarem em atividades que vão além da rotina escolar, nomeadamente interagir com a comunidade escolar.

A sua elaboração também permite despertar nos alunos a consciência crítica perante a realidade educacional e social.

Resumindo: o *Jornal Interescolar* é uma ferramenta valiosa que permite enriquecer a experiência educacional dos alunos promovendo a integração na comunidade escolar.

Prof.ªs Célia Pires e Isabel Rebocho

ESCOLA SECUNDÁRIA ALFREDO DOS REIS SILVEIRA

Há dez anos – 40 Anos do 25 de Abril – as escolas do concelho foram convidadas pela Câmara Municipal do Seixal a dar início ao projeto *Jornal Interescolar*, associando-se ao ciclo de comemorações da revolução, tema que agora se retoma na celebração dos 50 anos de liberdade e de democracia.

Fazer parte desta equipa de escolas que participam no *Jornal Interescolar*, em que os alunos são protagonistas, tem sido uma tarefa particularmente grata.

O processo de implementação é relativamente simples e centra-se na importância do debate, da escrita e da ilustração como poderosas ferramentas de comunicação. O aluno assume o papel de jornalista, tornando-se aprendiz crítico e coautor de um jornal coletivo, a partir de um tema anualmente proposto pelo pelouro da Educação da Câmara Municipal do Seixal.

Ao criar a possibilidade de, em cada escola, os alunos assumirem a autoria e o protagonismo, ao despertar para o sentido crítico e provocar dinâmicas de reflexão sobre temas tão diversos como a cultura, os direitos, os valores, o *Jornal Interescolar*, enquanto projeto de parceria entre município e escolas, tem tudo o que é preciso para ser excelente e correr bem.

Prof.ª Ana Paula Gonçalves



CANÇÕES DO 25 DE ABRIL

Foi-me proposta a ideia de fazer um texto sobre a palestra a que assisti com colegas da minha e de outras escolas no auditório dos Serviços Centrais da Câmara Municipal do Seixal no dia 22 de fevereiro mas, antes de mais, gostaria de agradecer a oportunidade que me foi dada... Foi um momento de grandes aprendizagens sobre uma outra realidade, passada há 50 anos, em que a música teve um papel muito importante. O palestrante, Pedro Tadeu, hoje jornalista, tinha mais ou menos a minha idade quando aconteceu o 25 de Abril e contou-nos um pouco do que foi, para ele, esse grande dia, antes de nos falar sobre as seis canções que marcaram a revolução. [Atrevo-me a dizer que, quando as ouvi, senti o medo que tinham as pessoas na altura, mas também a grande vontade, maior do que tudo, de fazer a mudança, tanto que aquela foi uma segunda tentativa das Forças Armadas para fazerem sair o país da ditadura.] Falou-nos também dos músicos, dos autores das canções e da importância

da rádio e dos jornalistas, como o João Paulo Diniz, com quem havia uma combinação para o lançamento das senhas. As canções em questão são grandes marcos do 25 de Abril que continuam até hoje a serem lembrados, como, por exemplo, «E Depois do Adeus», «Grândola, Vila Morena» ou «Venham mais Cinco»...

A conversa tornou-se ainda mais rica com as muitas perguntas feitas pelos alunos, levando o Pedro Tadeu a falar um pouco mais das suas vivências e também das de outras pessoas e de Lisboa durante o 25 de Abril.

Enquanto ouvia cada canção, cada história, cada pergunta e cada resposta a essas mesmas questões era com um grande alívio e com muita gratidão que sentia cada intervenção. Sinto-me muito grata por aqueles que tornaram a revolução possível não terem desistido e por nos darem a nós a oportunidade de vivermos livres 50 anos depois.

Daiane Nascimento



VOZES DE ABRIL E OUTRAS CONVERSAS

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a nossa escola promoveu várias Conversas sobre o 25 de Abril e vários projetos sobre o tema. Os convidados que vieram à escola, o fotojornalista Inácio Ludgero, o professor Miguel Monteiro, então um jovem alferes dos Comandos no Norte de Moçambique, a professora Isabel Pedro, jovem estudante na altura, e o engenheiro Vítor Fernandes, igualmente jovem na época, trouxeram-nos as suas histórias, mas também fotos que documentam algumas das experiências que viveram e que partilharam connosco.

Muitos dos nossos projetos estão ainda em preparação, como a série de reportagens 25 de Abril a Várias Vozes, que os alunos do 8.º A e do 8.º B estão a fazer a partir de entrevistas que realizaram a diferentes gerações sobre o antes, o durante e o depois da revolução. Estas reportagens integram o projeto Vozes de Abril.

Antes de partirmos para as entrevistas, assistimos às palestras e explorámos documentos diversos nas várias disciplinas.

Estão também programadas visitas de estudo, peças de teatro, distribuição de cravos com poemas (que já preparámos) e outras atividades para nos fazerem saber mais sobre o assunto.

Júlia Ventura





RECORDAR E COMEMORAR OS 50 ANOS DE ABRIL

As turmas A, B, C e D do 6.º ano trabalham há dois anos com a mesma equipa de professores em vários projetos e, este ano, para recordarmos e comemorarmos os 50 anos de Abril, misturaram alunos das quatro turmas e organizaram vários workshops.

Primeiro, ouvimos um antigo professor da nossa escola, o professor Joaquim Saial, que, apesar de já estar reformado, não resistiu a um convite para estar connosco. Este falou-nos acerca do 25 de Abril, como era viver naqueles tempos, que dia foi aquele e o que mudou a partir da Revolução dos Cravos.

De seguida, cada grupo dirigiu-se a um ateliê diferente. Uns foram construir guiões de entrevistas, que iríamos fazer, posteriormente, aos nossos avós ou outros familiares, para nos enriquecerem com as suas histórias de vida; outros foram aprender a construir cravos em origami e um terceiro grupo foi criar cartazes alusivos ao tema, inspirando-se em cartazes da época, mas recorrendo agora às novas tecnologias.

Em maio, iremos convidar os nossos familiares a virem à escola para lhes apresentarmos alguns dos nossos trabalhos, para nos verem representar uma peça de teatro, que tem por base uma narrativa em verso sobre o 25 de Abril que criámos nas aulas de Português, e para criarem cravos como nós fizemos. O mais interessante é que seremos nós a ensiná-los, tal como aprendemos nos workshops com os nossos professores!

Eva Palma, Natacha Ribeiro, Lara Mestre, Maria Inês Paiva e Ana Rita Oliveira



ABRIL NOS DIAS DO AGRUPAMENTO

Este ano, o tema dos Dias do Agrupamento, que se realizaram nos dias 20, 21 e 22 de março, foi «Viver em Liberdade».

Nestes dias, não houve aulas. Estas foram substituídas por atividades que fomos frequentando livremente num dos turnos do dia, consoante o ano e turma, de passaporte na mão, para aí nos assinalarem cada experiência com um carimbo. Entre elas, houve ateliês e oficinas relacionados com o tema, encenações, jogos diversos, concursos, exposições, criação de murais, atividades desportivas, o laboratório aberto, a feira de minerais...

Eu não consegui fazer todas as atividades que queria, mas fiz algumas. Adorei fazer um crachá em forma de cravo [e de o oferecer à D. Carla!], mas também gostei de fazer um postal com um cravo em pop-up, para além das atividades propostas na biblioteca, como o dominó da liberdade e o questionário sobre a primeira festa da árvore. «Afial, quem implementou a primeira em Portugal foi o patrono da nossa escola!», das atividades desportivas e de ajudar a dinamizar experiências no Laboratório Aberto.

Muitas destas atividades foram sendo preparadas desde o primeiro semestre e outras estavam previstas. É o caso de um painel de azulejos que se tinha planeado para colocar na parede exterior de um dos pavilhões. Apesar de termos pintado cravos em azulejo, o painel, afinal, não se vai concretizar por causa das obras que se vão realizar na escola...

Érica Butes



PROJETO LIVRO LIVRE

A turma C do 6.º ano da Escola Básica Paulo da Gama participou no projeto Livro Livre, que versa sobre as mudanças operadas em Portugal com o 25 de Abril de 1974 e assenta na Constituição da República Portuguesa.

Ao folhearem o livro, cujos criadores são Joana Paz, Francisco Bairrão Rivo, Danuta Wojciechowska, os alunos realizaram uma viagem a um passado com uma realidade muito diferente da atual, a ditadura, e puderam compará-la com o presente. Este processo levou-os a valorizar a democracia, os direitos e as liberdades e a perspetivar o futuro. Além de leitores, os alunos assumiram-se também como coautores: os espaços em branco que o livro continha desafiaram-nos ao seu preenchimento com base na realização de pesquisa, entrevistas e exercícios de escrita e artísticos.

Numa dinâmica intergeracional, entrevistaram familiares e elementos da comunidade, recolhendo histórias que serão importantes memórias para o futuro.

O trabalho foi desenvolvido de forma colaborativa e interdisciplinar. Cada um dos alunos contou sempre com a orien-

tação de professores de diversas disciplinas e da professora bibliotecária.

Numa das páginas do seu Livro Livre, Luana Soares, aluna do 6.º C, escreveu: «Ao todo, participei em oito sessões e gostei de todas: várias foram com a ilustradora Danuta, que nos explicou o projeto e nos ajudou a realizar alguns trabalhos, uma foi com a professora Almerinda Bento, que nos veio falar sobre a vida das mulheres antes do 25 de Abril, outra foi com um ex-militar que participou na guerra colonial...».

Simão Antunes, outro aluno da mesma turma, relatou no seu livro: «Este projeto está a ser, sem dúvida, incrível para mim, porque ainda não tinha aprofundado o meu conhecimento sobre o tema da Revolução do 25 de Abril».

No final, houve ainda lugar a um encontro entre todos os participantes no auditório da Câmara Municipal do Seixal, com exposição dos livros criados, e a apresentação do projeto à comunidade educativa da EB Paulo da Gama.

Diogo Santos, Leonardo Figueiredo, Rafael Santos, 8.º A



Exposição Livro Livre

ENTREVISTA – ONDE ESTAVA NO 25 DE ABRIL?

O projeto Livro Livre levou-me a recolher o testemunho da professora Ana Paula Catita que, na altura, tinha doze anos, morava no Alto do Moinho, em Corroios, e era estudante.

Onde estava na madrugada de 25 de abril de 1974?

Na madrugada desse dia, estava em casa a dormir.

Como soube o que estava a acontecer?

Acordei com muito barulho em casa: rádio aos altos berros, pessoas a falar e portas a bater.

Como reagiu?

Fiquei confusa e perguntei aos meus pais

o que se passava. Disseram que tinha havido uma revolução/golpe de estado.

O que pensou?

Como eu era uma criança, desconhecia a situação política do meu país. Não fazia ideia de que vivíamos em ditadura, nem sabia o que isso era.

O que ouviu?

Na rádio, ouvi tocar muitas vezes a música «Grândola, Vila Morena», de Zeca Afonso, e os comunicados das Forças Armadas.

Com quem falou?

Falei muito com os meus pais nesse dia, que me explicaram um pouco do que es-

tava a acontecer e a alegria que trazia aquela revolução, bem como a liberdade que ela significava.

O que sentiu?

Senti-me confusa e um pouco assustada, porque sentia nos adultos (pais e vizinhos) algum receio e medo do que uma revolução pode trazer: mortos, feridos, guerra, etc.

O que mais a impressionou?

O que mais me impressionou foi mais tarde ver na televisão as imagens de Lisboa, nas quais se via a alegria das pessoas rodeando os militares e colocando os cravos nas espingardas, sem haver derramamento de sangue.

Acha que este foi um episódio importante na sua vida? Porquê?

Este episódio foi muito importante para a minha vida e para a dos portugueses, porque mudou a vida de todos. A partir dessa altura passou a haver liberdade de expressão e todos puderam começar a votar livremente nos seus governantes. Tive oportunidade de continuar a crescer num país muito diferente, em que todos podiam lutar pelos seus direitos, sem medo de represálias. Estou muito feliz por viver num país democrático e isto só foi possível porque houve o 25 de Abril.

Gabriel Silva, 6.º C



Conquista da liberdade – Edmar Bonfim, Edson Santos, Henriquison Pontes e Jardel Bonfim, 9.º F

PROJETO KID'S GUERNICA E OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

No âmbito do projeto artístico internacional, Kid's Guernica, os alunos dos 2.º e 3.º ciclos imaginaram que eram o pintor Pablo Picasso e desenharam e pintaram telas/painéis inspirados no quadro *Guernica*, tendo como contexto o tema dos 50 anos do 25 de Abril.

A iniciativa associou a contestação ao bombardeamento alemão de Guernica durante a Guerra Civil de Espanha à Revolução de Abril, visando dar a conhecer o período antes do 25 de Abril, o mais sombrio da história do nosso país, e a época posterior de progressos.

Ao mesmo tempo que se difundiram os valores da liberdade, da igualdade e da paz, foi permitido aos alunos manifestar a sua criatividade sobre estas causas, quer na criação de produtos artísticos, quer na criação de produtos linguísticos.

O projeto constituiu mais um contributo para a qualificação individual e cidadania democrática de cada um dos participantes.

Lara Carvalho, 8.º A



A paz está nas nossas mãos – Brenda Azevedo, Gabriela Rosa, Laura Eira e Maria Monteiro, 5.º B

VALORES DO 25 DE ABRIL

A democracia pôs fim a 48 anos de ditadura,
Ao sofrimento e à vida muito dura.
Com os valores de respeito e de igualdade,
Tudo é diferente, viva a liberdade!

25 de Abril, Dia da Liberdade a brilhar,
Com «Grândola, Vila Morena» a ecoar.
Nas vozes que se unem, na rua a pulsar,
A esperança para sempre a perdurar.

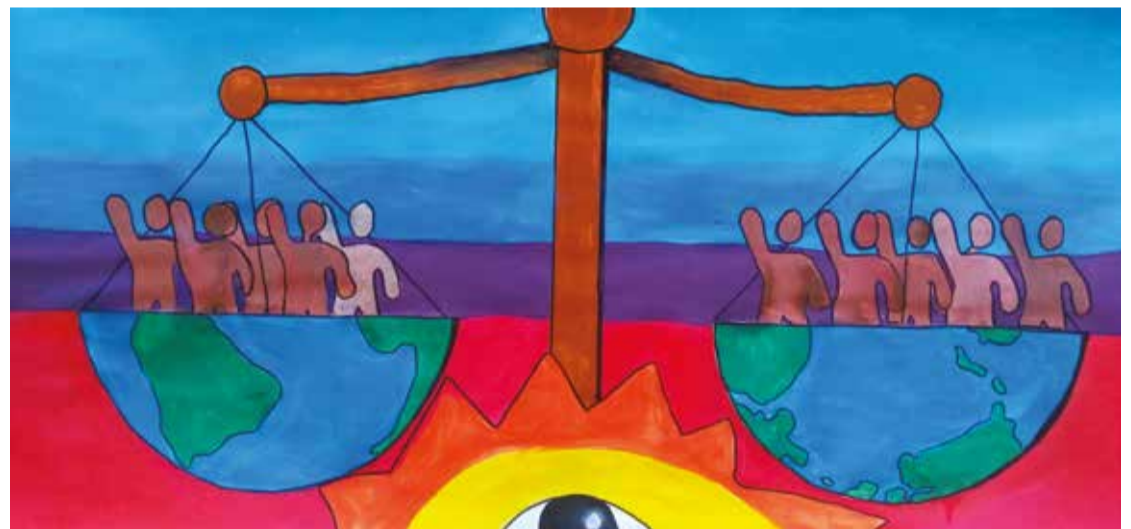
As ruas são caminhos de liberdade,
Um novo horizonte, sem sombras de autoridade.
Caminhar sem medo, sem receio de prisão,
A democracia nasceu, sem sombra da opressão.

No 25 de Abril, as mulheres ergueram a sua voz,
Rompendo correntes, fazendo escolhas sem hesitar.
De criadas a donas do seu destino,
Lutaram por igualdade, com justiça no olhar.

Na mesma escola, meninos e meninas a aprender,
O conhecimento floresce, sem distinção a prevalecer.
Juntos, crescem e sonham, lado a lado a caminhar,
A igualdade na educação, um direito a celebrar.

Respeito e liberdade, a base do viver,
Votar, não apenas um gesto, mas um poder.
Na democracia, a cidadania exercer,
Rumos, destinos, a sociedade a crescer.

Adilson Silva, Daniela Cunha, Diogo Fernandez,
Filipe Ramos, Geovana Elísio e Martim Catela, 8.º B



Um mundo em equilíbrio – Daniela Pereira, Francisco Soares e Rita Soares, 7.º A



Mãos que libertam – Abydelson Soares, José Ceita, Railson Duarte e Mauro Santos, 9.º E



50 ANOS DO 25 DE ABRIL

Este trabalho faz parte de um conjunto de atividades efetuadas para a comemoração dos 50 anos do 25 de Abril no agrupamento.

Realizámos um painel com inspiração na obra do artista Bordalo II e foi elaborado com materiais reutilizáveis: tampas de garrafas, caixas de plástico, garrafas, arame e metais, que foram aparafusados.

Os materiais foram recolhidos por nós e quase todos são à base de plástico e metal, pois o trabalho vai estar no exte-

rior e este material é à prova de água. O fundo do painel é constituído por caixas de plástico azuis, as pétalas são feitas de garrafas de plástico vermelhos e a manga da camisola de garrafas de refrigerantes.

Na parte de cima do painel encontra-se o título, está escrito «50 Anos do 25 de Abril»

Turma 6.º B, Escola Básica da Cruz de Pau



O NOSSO MURAL

Em homenagem aos 50 anos do 25 de Abril, os alunos do 4.º ano da Escola Básica dos Foros de Amora realizaram trabalhos na área curricular de Artes Visuais, utilizando diferentes materiais e técnicas. Este trabalho faz parte do projeto A Arte e o 25 de Abril.

4.º A e 4.º B, EB dos Foros de Amora



ENTREVISTAS

Onde e o que estava a fazer no dia 25 de Abril de 1974?

No âmbito da comemoração dos 50 Anos do 25 de Abril, as turmas do 7.º D, 8.º B e 8.º C recolheram testemunhos de várias pessoas, por exemplo, familiares, amigos, vizinhos, (des)conhecidos... tendo como ponto de partida a seguinte pergunta: Onde e o que estava a fazer no dia 25 de abril de 1974?

Eis alguns desses testemunhos:

«Antes do 25 de Abril, as pessoas viviam numa repressão e eram proibidas as conversas de café, bem como manifestações ou a intervenção das mulheres na sociedade, então quando se deu a revolução toda a esperança voltou, acreditamos na liberdade como o direito ao voto e acessibilidade da mulher na política, no mundo do trabalho, acesso às profissões que até então eram barradas às mulheres.

No meu trabalho, o 25 de Abril deu-me a oportunidade de entrar onde só homens tinham acesso e fui pioneira na entrada na profissão. Portanto, para mim e milhares de mulheres, foi nos dada a oportunidade de intervenção numa vida profissional e social que nos era barrada. Tudo isto e muito mais nos foi dado com o 25 de Abril. Só quem viveu no regime salazarista é que sabe dar valor à revolução!»

GC, 77 anos
[Recolhido por Matviy Faryma, 8.º C]

«Em Abril de 1974, eu estava na tropa, onde ainda permaneci por mais um ano e meio. Em 25 de Abril, ficámos aquartelados sem permissão de saída do quartel, sito na Calçada da Ajuda.

A 26, fui destacado para a ocupação e

defesa do edifício onde funciona a antena da RTP, em Monsanto. Por ali fiquei durante uma semana, e curiosamente vi televisão a cores pela primeira vez. Muita gente por ali passou, levando-nos comida, bebidas e cigarros. Viviam em autêntico clima de festa.

Nas duas semanas seguintes, e sem poder ir a casa, participei em várias atividades, entre as quais guarda e transporte de detidos. Entretanto, neste período, cimentaram-se amizades de então e convivi com algumas das personalidades influentes na revolução.

A avó, como trabalhava num escritório na baixa de Lisboa, foi barrada na estação do Cais do Sodré, e teve que voltar para casa [por lá ficou, acompanhando o evoluir da situação e esperando pela minha chegada a casa].»

LAAS, 73 anos
[Recolhido por Gabriel Serra, 8.º C]

«Estava a costurar e ao mesmo tempo a ouvir rádio. [...] Todas as pessoas do bairro decidiram ir para a rua e ver o que estava mesmo a acontecer. Os homens juntaram-se e andavam de um lado para o outro para saberem novidades. Depois apareceram soldados das forças armadas com carros de combate e uma grande multidão onde se destacavam os cravos vermelhos nas lapelas dos casacos e nos canos das armas dos militares. As pessoas e os militares distribuíam cravos pela população. O regime tinha caído.»

Fernanda Marques
[Recolhido por Inês Vidinha, 8.º C]

O QUE FOI O 25 DE ABRIL?

Na madrugada de 24 de abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas ocupou o Rádio Clube de Português. Foram colocadas músicas no ar, como «Grândola, Vila Morena», de Zeca Afonso. Uma coluna de militares com tanques, comandada pelo capitão Salgueiro Maia, saiu de Santarém em direção à capital. Em Lisboa, tomou posições junto aos ministérios e cercou o quartel da GNR do Carmo, onde estava refugiado Marcelo Caetano, o sucessor de Salazar à frente da ditadura. Durante o dia, a população foi-se juntando aos militares. E o golpe de Estado transformou-se numa revolução. A certa altura, uma vendedora de flores começou a distribuir cravos que os soldados



enfiaram nos canos das espingardas. Por isso, até chamamos a Revolução dos Cravos. Um ano depois, a 25 de Abril de 1975, os portugueses votaram pela primeira vez, em LIBERDADE desde há muitas décadas!

Turma 4A/EB Quinta das Sementes

PATCHWORK DE MEMÓRIAS SOBRE O 25 DE ABRIL

No dia 23 de fevereiro a turma 7.º F realizou uma visita de estudo ao lar de idosos Laços de Ternura e Amizade com o objetivo de entrevistar idosos sobre o 25 de Abril de 1974.

Sendo uma turma com várias nacionalidades estrangeiras, ouvir falar sobre este tema na primeira pessoa foi uma aprendizagem enriquecedora, pois pouco sabiam sobre esta data e como era viver no Estado Novo.

Ouviram um testemunho de um idoso alentejano que era muito revolucionário, desde os 16 anos que distribuía panfletos clandestinamente. O testemunho



mais emotivo foi o de um idoso de Amora que relatou que foi perseguido pela PIDE, teve de emigrar ilegalmente para França e repetiu várias vezes: «Jovens, nunca desistam da liberdade!».

Turma 7.ºF/EB Cruz de Pau

VIAJAR NO TEMPO... APRENDER HISTÓRIA

Alunos surdos do Agrupamento de Escolas Terras de Larus, que é a Escola de Referência do Ensino Bilingue (EREB), integrados numa turma do 9.º ano realizaram, na disciplina de História, um friso cronológico relativo ao período compreendido entre a Implantação da República (1910) e a integração na Comunidade Económica Europeia (1986), dando maior destaque ao período antes e após a Revolução do 25 de Abril de 1974. Este trabalho foi apresentado à turma, de forma que todos pudessem visualizar acontecimentos importantes da História de Portugal do século XX. Testemunhos dos alunos:



«Foi um trabalho interessante, que gostámos de fazer porque ajudou a perceber e a ver a ordem dos acontecimentos. E, também, mostrou a importância do 25 de Abril, porque assim as pessoas passaram a viver mais livres».

9.º A (EREB), Mafalda Fiéis e Bruno Rocha, EB da Cruz de Pau

50 ANOS DE ABRIL – ONDE MORA O MEDO?

A educação pré-escolar, para dar a conhecer a realidade de Portugal antes do 25 de Abril, utilizou a história «O Tesouro», de Manuel António Pina e o vídeo «25 de Abril, Revolução dos Cravos, Cantação de histórias».

Recolheu os depoimentos das crianças, e propôs a realização de registos gráficos, tendo sido elaborado um painel que retrata o antes e o depois do 25 de Abril. Foi criada uma poesia que partiu das palavras mais significativas/soltas.

E hoje do que as crianças têm medo? Através do livro «Matilde, vai-te embora ó medo» de Mary Katherine Martins e Silva encontra-se a decorrer um projeto de leitura em família, «Livro em Vai e Vem» (PNL). Todas as famílias fizeram a leitura do livro e foram desafiadas a criar



um objeto que represente o maior medo das crianças. Deste modo pretende-se facilitar o caminho para que os medos possam ser ultrapassados, e assinalar o aniversário dos 50 anos de Abril.

Crianças e educadoras/Agrupamento de Escolas Terras de Larus



O MUNDO SEM LIBERDADE

Infelizmente, existem muitas pessoas no mundo sem liberdade. A liberdade é podermos fazer o que queremos, o que sentimos e o que pensamos sem prejudicar as pessoas e o próprio. E se não existisse liberdade como seria o mundo? O mundo seria infeliz e triste, porque as pessoas não teriam oportunidade de fazer as suas próprias escolhas, como por exemplo, o horário de sair de casa, da escola, de se vestir como gosta, de viajar, de ir às compras, de ver filmes... Acho que não temos mesmo ideia do que seria o mundo sem liberdade, falo do meu mundo, do meu país e das pessoas com quem convivo. Porque temos liberdade, eu desde cedo disse à minha mãe que quero ser veterinária, foi a minha escolha, ninguém me obrigou. Há algo muito importante que é a liberdade de expressão: podermos conversar sobre vários temas e eu posso dar a minha opinião, mesmo que ninguém concorde.

Há países sem liberdade, o que vemos na televisão, por exemplo, as guerras, as pessoas não são livres de escolher o que querem e como gostariam de viver. Eu quando acordo, posso sair à rua sem medo de levar com uma bomba... Eu ainda sou nova, mas tenho a sorte de poder estudar o que quero para ter a profissão que pretendo.

No meu país há liberdade para o povo poder votar. Isto significa que somos livres, pois podemos escolher quem vai governar o nosso país. Eu sei que há países onde as pessoas não podem votar, vivem sem democracia.

Um mundo sem liberdade não é um bom sítio para viver, porque somos humanos com sentimentos e temos o direito de nos sentir bem com o que queremos, sempre sem prejudicar os que estão à nossa volta.

Rita Melo, 4.º B, EB da Quinta de Santo António



LER, OUVIR E COMENTAR

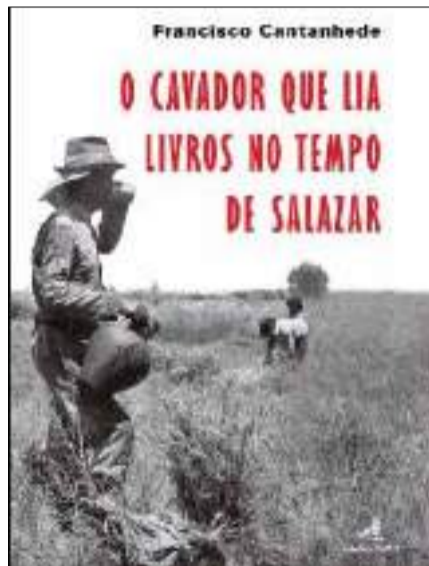
O livro *O cavador que lia livros no tempo de Salazar* que foi escrito por Francisco Cantanhede apresenta um retrato da sociedade portuguesa durante o Estado Novo, destacando a importância da resistência em tempos de opressão.

Francisco Cantanhede é licenciado em Ciências Históricas. Foi professor de História, é autor de manuais escolares e formador de professores. A nossa turma teve o prazer de o receber no dia 1 de março para conversar connosco sobre o 25 de Abril e sobre o seu livro que conta como era o quotidiano das pessoas na época do Estado Novo, como funcionavam as escolas, os hospitais, como eram os relacionamentos amorosos, a pressão da PIDE e a censura.

Houve relatos que nos impressionaram muito e que gostaríamos de destacar como, por exemplo, os trabalhadores viviam na miséria «[...] os que garantiam o pão na mesa dos senhores, rurais e urbanos, eram as maiores vítimas da fome.»

«Durante o Estado Novo, homossexuais apanhados em flagrante eram internados em "casas de correção" se pertencessem às classes baixas ou fossem membros da oposição à ditadura. Caso pertencessem às elites sociais ou fossem apoiantes do Regime, nada lhes acontecia.» Consideramos este excerto importante porque é um assunto bastante real e abordado atualmente e não fazíamos ideia de que, no passado, a homossexualidade fosse um problema e que houvesse diferenciação social.

Também ficámos indignados com a informação do capítulo «Um predestinado sem coração» porque «Os sem terra também foram vítimas de Salazar não ter coração. Preferiu ter os cofres cheios de barras de ouro do que promover o desenvolvi-



mento das regiões do interior.» Devido à ganância e egoísmo de um homem, um país inteiro viveu na miséria e aqueles que eram contra o regime eram presos e torturados.

No capítulo «Não à guerra, sim à guerra», achámos uma hipocrisia o facto de Salazar se ter esforçado tanto para não entrar na Segunda Guerra Mundial e, anos depois, ele começa a sua própria guerra, a guerra colonial.

Concluindo, considerámos o livro e a palestra muito interessantes, pois conseguimos ter mais noção da realidade na época do Estado Novo. Este autor apresentou-nos uma crítica ao regime ditatorial português, utilizando documentos e depoimentos reais para destacar a difícil situação enfrentada pela população portuguesa na época.

Diogo Lopes, Gonçalo Santos, Pietro Leoni, Beatriz Dias, Matilda Sequeira, Georgios Santana, 9.º A

«QUANTOS QUERES»?

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974 na disciplina de História, a professora Valentina Pereira desenvolveu com a nossa turma o trabalho de projeto À Descoberta da Revolução dos Cravos.

Este projeto teve como principais objetivos aprofundar o conhecimento dos alunos sobre a temática em estudo, proporcionar metodologias ativas e experimentais no ensino e nas aprendizagens e partilhar com a comunidade o produto final.

Neste contexto, em trabalho colaborativo de pares, construímos um jogo acerca do 25 de Abril de 1974.

O jogo consistiu na construção de cubos com imagens e textos informativos sobre o contexto da Revolução do 25 de Abril de 1974 e de «quantos-ques» com questões relativas à mesma. Dos vários subtemas que foram abordados salientam-se os seguintes: cro-



nologia dos principais acontecimentos; resumo histórico dos acontecimentos; medidas do MFA; Constituição de 1976; valores da democracia; personagens históricas relevantes; cartazes e símbolos da revolução e canções de Abril.

9.º B



SALGUEIRO MAIA

Salgueiro Maia foi um dos capitães do 25 de Abril de 1974, tendo nascido a 1 de junho de 1944, em Castelo de Vide. Filho de Francisco da Luz Maia e de Francisca Silvéria Salgueiro, casou-se com Natércia Maia com quem adotou dois filhos.

Salgueiro Maia formou-se na Academia Militar do Exército Português e foi professor auxiliar na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém. Posteriormente foi comandante de instrução e integrou uma companhia dos comandos durante a guerra colonial. Foi um dos generais do exército português que liderou as forças revolucionárias durante a revolução de 25 de Abril de 1974.

Postumamente, recebeu o grau de Grande-Oficial da Antiga e muito Nobre Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, da Lealdade e Mérito, a 28 de junho de 1992. Em 2007, recebeu a medalha de ouro de Santarém.

Salgueiro Maia ficou conhecido por ser o grande estratega da Revolução de Abril, sendo reconhecido o seu papel mesmo depois da sua morte, que ocorreu a 3 de abril de 1992, daí que se possam encontrar alguns murais em sua homenagem, em várias cidades do país.

Martim Gomes e Rodrigo Loureiro, 7.º B



LIBERDADE

Antes tudo era controlado
Será que nunca vou ser consolado?
Frio, escuro, nada era feliz
Até hoje me lembro, pois deixou
Cicatriz

Antes tudo era controlado
Maldito Estado, maldito Estado!
Dava aflição não me poder expressar
Via-se o medo no meu olhar

Mas lá do longe
Como um anjo vermelho
Vieram os cravos dar-nos conselho...

Lutámos pela liberdade
Com querer e vontade
Batemos o pé no chão
E dissemos não à opressão

Mas agora, mesmo após tanta luta
Eles ainda nos tiram liberdade
Não há respeito e esta é que é a verdade...

Votamos em alguém para nos guiar
Mas o que mais faz é enganar
Habitação e educação
De tudo querem mas nada nos dão.

Mariana Santos, Mariana Spencer, Laura Mouquinho, Duarte Mendonça e Rafael Pinto, 9.º B

INFLAÇÃO

Os preços a subir
E os ordenados a diminuir.
O governo a roubar
E o povo a trabalhar.

Os deputados a ganhar
E o povo a descontar.
Os impostos estão uma loucura.
Este país já não tem cura!

Dizem que somos livres,
Livres da escravidão.
Somos livres das correntes
E escravos da inflação.

Sem condições para cá ficar,
Os jovens querem emigrar.
Por todo o lado gente a protestar.
Ai Portugal, estás-te a afundar!

Diogo Furtado, Francisco Lages, Hugo Carvalho, 9.º E



ENTREVISTA A MARIA DE LURDES VALVERDE,
68 ANOS

TESTEMUNHOS SOBRE O 25 DE ABRIL DE 1974

Quantos anos tinha em 25 de Abril de 1974?

Quando aconteceu o 25 de Abril, eu tinha 18 anos.

Como era a vida nesse tempo a nível da escola; trabalho; alimentação; convívio entre as pessoas?

A vida era muito difícil, o país era pobre, pouco desenvolvido e, conseqüentemente, a população também o era.

O ensino não chegava a uma grande parte das pessoas. Poucos concluíam o primeiro ciclo e o ensino secundário era frequentado por alunos de uma classe social mais favorecida, ou os pais faziam o sacrifício de proporcionar aos filhos o que lhes foi vedado, para que tivessem um futuro mais risonho. A universidade era só para os filhos de quem vivia desafogadamente.

O trabalho era duro e mal remunerado. Não havia desenvolvimento tecnológico, as tarefas obrigavam a um esforço físico acrescido para homens e mulheres.

A alimentação era pouco variada, os rendimentos familiares eram reduzidos. Carne e peixe só se consumiam em dias de festa.

O convívio entre as pessoas baseava-se em bailaricos nas coletividades e excursões para diversos locais do país. Estes passeios eram realizados em grupos, transportados em camionetas alugadas, porque automóvel era um luxo só para alguns.

O que mais a impressionava no tempo de Salazar?

O que mais me impressionou foi o obscurantismo e o clima de terror que este homem e o seu séquito impuseram aos portugueses durante 48 anos, que nos deixou marcas até aos dias de hoje.

Onde se encontrava no dia 25 de Abril de 1974?

Estava a preparar-me para ir para a escola, quando ouvi na rádio que o governo estava a ser alvo de um golpe de Estado e aconselhavam a população a não sair de casa. Agimos em conformidade, sempre atentos às notícias difundidas pela rádio ou pela televisão, que tinha um único canal.

Quais são as suas recordações sobre este dia?

Foi um dia de expectativa e euforia. O meu pai, que foi um lutador antifascista e que chegou a ser preso e torturado pela PIDE, transbordava felicidade. Finalmente, poderíamos ter a possibilidade de viver num país livre, onde todos pudéssemos emitir as nossas opiniões

sem receios e ajudar na reconstrução de um Portugal justo para todos. Este dia e os seguintes foram como se de um sonho realizado se tratasse. O povo na rua, num só abraço a uma Revolução pacífica e repleta de cravos vermelhos. Foi memorável.

Que alterações trouxe o 25 de Abril de 1974 para a sua vida?

As alterações aconteceram gradualmente. Todos tiveram acesso ao ensino, à cultura, à saúde grátis, às reformas após uma vida de trabalho e também as mulheres, que à data não tinham direitos, passaram a ter autonomia, para decidir o seu destino. Foram muitas as conquistas... Mas, para mim, a maior foi acabar a guerra no Ultramar, que tantas vidas estropiou e ceifou.

Dê um exemplo de algo que faz e que não podia fazer.

No tempo de Salazar, a mulher não tinha vontade própria. Não podia viajar sozinha, sem ser acompanhada pelo pai ou pelo marido. Não podia casar se quisesse escolher a profissão de hospedeira de bordo, não podia assinar documentos que se relacionasse com os filhos, porque só o pai tinha essa autorização e tantas situações que, felizmente, o tempo da democracia vai afastando da minha memória.

Recorda alguma história que nos queira relatar?

Vou contar algo, que aconteceu comigo e, infelizmente, com milhares de famílias. Tive um grande amigo que teve de cumprir o serviço militar, que era obrigatório. Como Portugal estava em guerra com as colónias, o meu amigo teve de ir para a guerra. E foi, cheio de esperança de regressar são e salvo. Tal não aconteceu. Regressou, infelizmente, dentro de um caixão. Foi, para mim, uma experiência terrível, que passados tantos anos, ainda sofro e me indigno com esta perda.

Simão Silva, 8.º A



PROJETO LIVRO LIVRE

A turma do 9.ºA desenvolveu durante este ano letivo o projeto Livro Livre, da autoria de Francisco Bairrão Ruivo, Danuta Wojciechowska e Joana Paz. Este é simultaneamente um livro e um projeto educativo que aborda temas como a democracia, os direitos e liberdades fundamentais, direitos humanos, explorando os contrastes entre a atualidade e Portugal antes do 25 de Abril de 1974.

Este projeto pretende contribuir para uma cidadania ativa através de uma

flexão sobre a democracia e os direitos humanos.

O trabalho que foi desenvolvido com os alunos da turma visou o desenvolvimento da sua autonomia, porque eles assumem o papel de coautores do mesmo, já que preenchem espaços deixados em branco com base em pesquisa, entrevistas, exercícios de escrita ou desenhos.

9.º A

E EU VEJO

Alguém me pode explicar
O que é isto que estou a observar?

Para todos os lados eu olho
E cada vez mais me venho a dececionar,
E tanto tenho a manifestar
Que o meu protesto se ouve como mudo,
E é assim que eu vejo o mundo:

Tantas vidas a nascer,
Ninguém as ensina a chorar e já elas o sabem fazer,
Algumas nascem bem, outras já nascem a sofrer.
E acham que a culpa é de quem?

A inutilidade de estudar História que sempre se repete,
A guerra que todos os anos se comete,
A ilusão dada de que melhorias se promete,
Pois há quem bem com guerras ganhe e quem derramar sangue expecte.

Desde cedo que nos contam as suas mentiras,
E depois dizem para não mentir,
Desde cedo que nos ensinam a não gostar das verdades,
Para depois gostarmos do que têm a referir.

Pensam que não vejo, mas tudo eu vejo,
Pois só vê quem não faz parte.
E eu vejo o resumo do mundo:
Afunda-se o navio da sociedade
E leva a sua tripulação ao fundo.

Liefitya Soborova, 9.º D



NUM DIA OU NUMA NOITE

Desarmados ou não,
A liberdade alcançaremos.
E nem um tiro no coração
Me fará parar,
Da nossa vida reconquistar.
Porém sem coração não somos
Como aqueles do governo.
Com cravos em nossas armas
E até à pátria lutar
Contra os canhões marchar.

Beatriz Afonso, Miguel Figueiredo,
Aisha Cassamá,
Cristiana Chelmyk, 9.º F



Laura Carvalho, 9.º A

50 ANOS DEPOIS

Sou o cântico da Revolução
Um Cravo em cada coração
A bombear o mais vermelho do sangue
Carregado dos sonhos de mudança
Acorrentados até então.
Um virar de uma página,
Para um povo que apenas conhecia a repressão,
Cujos olhos haviam sido vendados,
Às mãos da censura
Mas que voltavam uma vez mais a ver a luz do dia
E assim um Portugal renascia.
E depois de Abril,
Tenho hoje o prazer de voar
Por uma terra de lembrança,
Livre de opressão,
Onde posso ser livre, ser quem sou
Dizer o que me vai no coração
Pois tenho o futuro na palma da minha mão.
A nossa eterna gratidão
Militantes da mudança
Que devolveram as cores à pátria,
Vivo carmim e verde esperança.
Que o vosso feito não seja apenas uma memória,
Pois marcará para sempre a nossa História
E é graças a ela que hoje proclamo com orgulho e devoção,
A palavra Liberdade!

Estela Rodrigues, 9.ºA



POEMA DA LIBERDADE

25 de Abril
Dia da Liberdade
Todos comemoram
Com muita vaidade.

A liberdade de expressão
Foi uma novidade
Vamos celebrar, celebrar
Celebrar a liberdade.

O Dia da Liberdade
Feito para lembrar
No 25 de Abril
Temos de festejar.

Liberdade, liberdade
Cravos a saltar
Estes são distribuídos
Para a malta animar.

Grândola, Vila Morena...
É a música mais cantada
Vamos dançar, correr e bailar
Vamos todos festejar.

4.º E – EB Infante D. Augusto

25 DE ABRIL – SEMPRE!

Foi um dia na Hora do Conto que com esta história, sobre o 25 de Abril, o diálogo e as conversas fluíram. Então demos início a várias atividades relacionadas com o 25 de Abril.



Ilustrações: Jardins de Infância da Qta. da Princesa e da Qta. da Medideira

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Liberdade de Expressão,
Democracia, Sim!
Ditadura, Não!
Revolução!

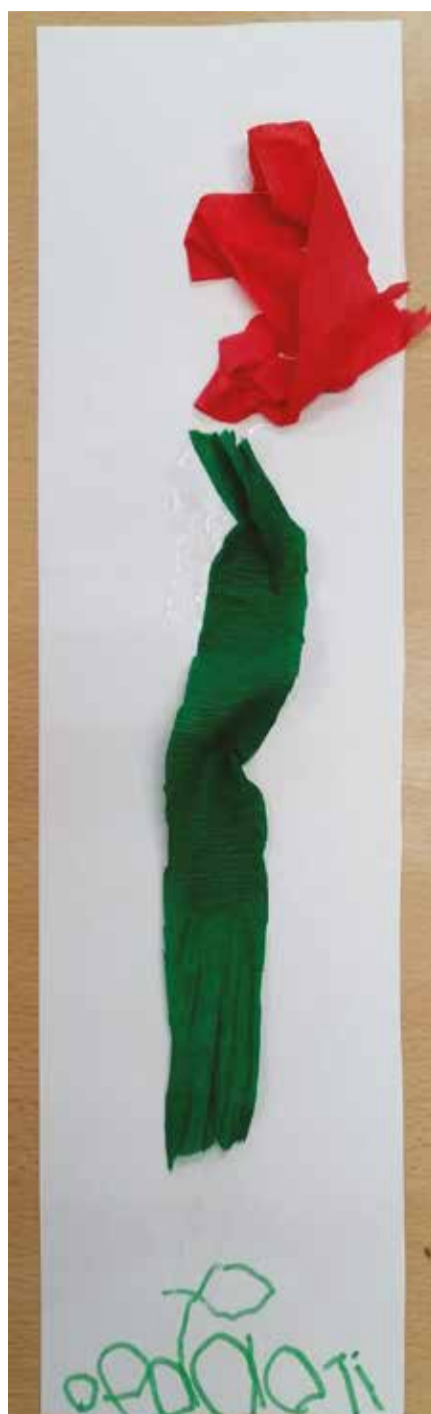
Liberdade de Expressão,
Fraternidade, Sim!
Censura, Não!
Revolução!

Liberdade de Expressão,

Tolerância, Sim!
Repressão, Não!
Revolução!

Liberdade de Expressão,
Poder Ser Quem Sou, Sim!
Poder Dizer o que Penso, Sim!
Poder Ter Liberdade de Expressão,
Sim!

Laura Carvalho, 9.ºA



RESPOSTAS À QUESTÃO: «PARA SI, O QUE MUDOU COM A REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL?»

ABÍLIO CALAIS (67 ANOS) AVÔ DA ALUNA MATILDE CALAIS, DO 6.º F

«Eu estava a trabalhar e uns militares fizeram uma revolta em que vieram de vários quartéis até Lisboa, para derrubar o regime fascista e para ser implementado um regime democrático.

O momento foi vivido com a incerteza daquilo que se iria passar. Senti alívio porque no regime fascista vivíamos oprimidos, não podíamos expressar as nossas opiniões.

Havia uma guerra colonial em que os jovens de 20 anos eram obrigados a combater sem saberem os motivos.»

BELMIRO DE MATOS (73 ANOS) AVÔ DA ALUNA INÊS OLEIRINHA, DO 6.º G

«Nesse período [antes do 25 de Abril], o povo era oprimido, sem liberdade, e havia um regime fascista, exercido pela PIDE D.G.S. [Direção Geral da Segurança].

Depois do 25 de Abril foi dada liberdade ao povo com a instauração da democracia no país, em que cada cidadão passou a ter liberdade para expressar as suas vontades e direitos.

Nesta data foi feita uma revolução com cravos e o povo conquistou a sua liberdade, podendo assim manifestar-se para conseguir os seus direitos.

As pessoas passaram a poder votar para escolher o governo do país. Acabou a guerra colonial [Angola, Moçambique e Guiné]. Deixou de vigorar o regime que antes tínhamos no país, assim como a repressão.

Após o 25 de Abril de 1974, houve uma grande mudança quando se instaurou a democracia.»

JOSÉ QUINTAS (72 ANOS) AVÔ DA ALUNA BEATRIZ QUINTAS, DO 6.º E

«O meu dia começou quando estava no meu quartel, em Chaves, e recebemos ordens para nos dirigirmos para Lisboa, para ajudar numa revolução. No início ninguém sabia para o que era, mas fomos na mesma. Quando chegámos a Lisboa, o general ordenou que colocássemos um cravo nas nossas espingardas. Só depois eu percebi o que se passava!

O general disse para esperarmos as senhas – as músicas «E Depois do Adeus» e «Grândola, Vila Morena».

De seguida, o meu trabalho foi manter as pessoas afastadas e impedidas de passar pela Rua Augusta.

A minha sensação foi de grande alívio ao saber que estava em liberdade.»



JOGO 50X25 DE ABRIL

UM JOGO DE TABULEIRO PARA CELEBRAR OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL DE 1974

Nesta edição do *Jornal Interescolar*, com o tema «25 de Abril Sempre!», propomos-vos um jogo que seja mais do que simples diversão. Queremos que seja uma forma de homenagear quem arriscou tudo pela liberdade e principalmente contribuir para que recordemos esta data tão importante para a democracia que hoje vivemos em Portugal.

Com este jogo, apelamos à curiosidade para envolver os jogadores, levar à mobilização de conhecimentos e também provocar o questionamento, o diálogo e o sentido crítico. Que melhor do que um jogo para isso? Nas 50 casas partes de *Rumo À* para atingir a *Vitória* e pelo caminho que a sorte te ditar, vais encontrar desafios

e informações sobre os protagonistas, civis e militares; os direitos adquiridos após a Revolução dos Cravos e também datas importantes no processo de construção da democracia; os movimentos populares e as manifestações, e ainda os símbolos que, para sempre, representam a liberdade conquistada. Mas o jogo também te permitirá conhe-

ceres o que era proibido e censurado pelo lápis azul e as prisões que serviam a repressão da PIDE. E se não tivesse existido a revolução de 25 de Abril de 74? O nosso jogo tem uma «casa do medo» que leva a refletir sobre isso!

Basta ler o código QR
As regras do jogo estão acessíveis atra-

vés de um QRcode e são apresentadas numa ferramenta digital, Padlet, onde é fácil encontrar as orientações! Sabemos que muita outra informação, mas tivemos de fazer escolhas, optando pelo que é mais significativo e pelo que apela à nossa memória coletiva e à participação quotidiana na vida cívica. Memória e participação são fundamen-

JOGO 50 x 25 de Abril



RUMO À

VITÓRIA

Regras do Jogo



9.º C e 11.º M

tais para mantermos viva a democracia, e abrir portas à extensão de direitos. Por isso mesmo, não cumprimos uma ordem cronológica dos acontecimentos. Quisemos sobretudo valorizar o que vivemos hoje em democracia e liberdade, celebrar as conquistas de Abril e mostrar algumas situações do que foi viver

em ditadura: restrições, perseguições, violação de direitos...

Trabalho em parceria
O Jogo 50x25 de Abril é o resultado de um trabalho colaborativo entre duas turmas de níveis diferentes, 9.º C e 11.º M, das disciplinas de História e Desenho

A e da cooperação entre docentes, alunos e a equipa da Biblioteca Escolar. Realizámos a pesquisa, orientada por guiões, com fontes de informação validadas para cada assunto a abordar, realizámos sessões de trabalho e de esclarecimento, revimos os textos e apresentámos propostas de tabuleiro.

Valoriza a democracia e a liberdade
No fim, conjugámos diversas sugestões e construímos a este produto final que vos apresentamos, para que joguem, aprendam sempre mais sobre a importância da democracia e da liberdade e se mobilizem para a defender, sempre!



CANTIGAS DA RESISTÊNCIA: O IMPACTO DA MÚSICA E DA POESIA NA LUTA PELA JUSTIÇA

Num contexto de agitação social e desafios constantes, a música e a poesia têm-se mostrado como ferramentas poderosas de resistência e mobilização. Ao longo da história, as cantigas da resistência têm ecoado, transmitindo mensagens de esperança, união e procura pela justiça. No âmbito da disciplina de Português, em articulação com Cidadania e Desenvolvimento, refletimos sobre como estas melodias têm moldado movimentos sociais e inspirado várias gerações na sua luta por mudança.

Em Portugal, as cantigas da resistência ocupam um lugar de destaque na história do país. Compositores como José Afonso e Adriano Correia de Oliveira deram voz à luta contra a ditadura com músicas como «Grândola, Vila Morena» e «Trova do Vento Que Passa», que se tornaram hinos da Revolução dos Cravos, marcando um ponto crucial na história portuguesa.

O impacto dessas cantigas ultrapassa as fronteiras nacionais, encontrando eco em movimentos de resistência por

todo o mundo. Desde os campos de algodão do sul dos Estados Unidos até às ruas de Joanesburgo, as músicas da resistência têm servido como expressões poderosas de solidariedade e perseverança.

Entre os exemplos internacionais mais notáveis está «Strange Fruit» de Billie Holiday, uma denúncia dos linchamentos de negros nos EUA. Esta música mostrou a brutalidade da injustiça racial e desafiou os ouvintes a encararem a realidade.

Além disso, o hip-hop emergiu como uma força na música de resistência, com artistas como Public Enemy e Kendrick Lamar a usarem as suas letras para questionar o *statu quo* e inspirar mudança social. Canções como «Fight The Power» e «Alright» tornaram-se símbolos modernos da luta pela justiça e igualdade.

À medida que o mundo enfrenta desafios cada vez mais complexos, as cantigas da resistência continuam a desempenhar um papel crucial na luta por um



futuro mais justo e igualitário. Elas recordam-nos do poder transformador da música e da importância de levantar as nossas vozes em solidariedade e protes-

to. Enquanto as cantigas da resistência continuarem a ecoar, a esperança por um mundo melhor permanecerá viva.

BOLA DE NEVE

Liberdade

- 1 – Liberdade
- 2 – Falar verdades
- 3 – Expressar, comunicar, socializar
- 4 – Amar, respeitar, amizar, cuidar
- 5 – Ser humano, poder fazer, ajudar
- 6 – Lutar pelos direitos humanos no mundo
- 7 – Cravos vermelhos, 25 de Abril de 1974
- 8 – Pássaro, pomba branca da paz, que voa livremente
- 9 – Educação para todas as crianças do universo, com igualdade
- 10 – Aprender a ser cidadão responsável, com civismo, respeito pelo outro.

Tarefa no âmbito da disciplina de Cidadania, 7.º ano

EDUCAÇÃO

Nas escolas existia a presença diária da PIDE nos corredores, ou dentro das salas de aula.

O ensino baseava-se na memorização e na passividade e subserviência do aluno. Na escola os alunos tinham de saber a tabuada de cor e chegavam a cantá-la para decorar melhor. Tinham de saber de cor o nome de todos os rios, serras, caminhos de ferro de Portugal e de todas as colónias portuguesas.

As disciplinas da época eram a Matemática, História, Língua Portuguesa, Geografia, Ciências e Religião e Moral. O ensino não inculcia uma atitude criadora, do uso da inteligência e da capacidade crítica das crianças e dos jovens. A escolaridade obrigatória reduzia-se

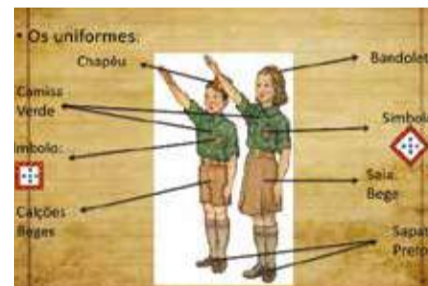
ao ensino primário, com apenas três classes.

A aprendizagem era limitada. Era necessário apenas saber ler, escrever e contar.

Os professores aplicavam com muita frequência castigos corporais severos. Os alunos eram obrigados a rezar todos os dias.

Em 1936 foi criada a Organização Nacional Mocidade Portuguesa que pretendia abranger a juventude, escolar ou não, dos sete aos 25 anos. Destinava-se a «estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria, no sentimento da ordem, no gosto da disciplina e no culto do dever militar».

Clara Bastos, Isabelle Vendas, Rafael Rodrigues



Uma recriação de uma escola primária, em cima. Os uniformes e símbolos da Mocidade Portuguesa, em baixo.

CENSURA

O regime ditatorial suprimiu todas as liberdades democráticas da República liberal, incluindo a liberdade de imprensa, estabelecendo a censura aos jornais, livros e espetáculos, nomeadamente o cinema e o teatro.

Permanecia a violência sobre a população vigiada pela polícia política, a PIDE. Violava-se a correspondência, realizavam escutas telefónicas, buscas, chantagens, prisões sem mandatos, torturas físicas e psicológicas.

Os defensores da liberdade eram presos nas prisões do Aljube ao Tarrafal, de Peniche a S. Nicolau, de Caxias à

Machava.

Muitos perderam a vida, em prol de uma terra livre.

Uma ordem da direção dos Serviços de Censura considerava, no que diz respeito à literatura infantojuvenil, que «parece desejável que as crianças portuguesas sejam cultivadas, não como cidadãos do Mundo, em preparação, mas como crianças portuguesas que mais tarde já não serão crianças, mas continuarão a ser portuguesas».

Os livros não eram sujeitos a censura prévia mas podiam ser apreendidos depois de publicados, o que era feito frequentemente pela Direção-Geral de Segurança, que emitia mandados de busca às livrarias.

Alguns autores começaram a usar termos metafóricos para fugir à censura: em vez de «Socialismo», escreviam «Aurora», em vez de «Revolução», escreviam «Primavera», em vez de «Polícia», «Vampiro».

O lápis azul foi o símbolo da censura e da ditadura portuguesa do século XX. Os censores do Estado Novo usavam um lápis de cor azul nos cortes de qualquer texto, imagem ou desenho a publicar na imprensa. Para proteger a ditadura, os cortes eram justificados como meio de impedir e limitar as tentativas de subversão e difamação.

Lia Morais, Laura Santos, Sara Moreira, Inês Campanha



ENTREVISTA

COMO VIVEU O 25 DE ABRIL DE 1974 EM ANGOLA?

Apesar de termos um amplo conhecimento sobre o que foi o 25 de Abril, que marcou o início da vida democrática em Portugal, é importante saber qual foi o seu impacto internacional, nomeadamente em muitas das colónias.

O Movimento das Forças Armadas (MFA) além de lutar contra o poder absoluto e conquistar as liberdades democráticas, também teve como objetivo a independência das colónias portuguesas em África, pela qual os territórios africanos há muito lutavam. Em Angola iniciou-se uma guerra civil a 4 de fevereiro de 1961, que acabou por se estender a Moçambique e Guiné, países que lutavam pela recuperação cultural e nacional dos povos, apenas possível após o golpe militar de 1974.

Para podermos ter uma melhor perceção sobre como foi o 25 de Abril nas colónias, Isabel Antónia Figueiredo Costa, que foi ativista do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), respondeu a algumas perguntas sobre a dimensão desta data em Angola.

Lembra-se de como é que foi o 25 de Abril em Angola?

Foi uma maravilha para os angolanos, muitos portugueses não gostaram, principalmente aqueles que mandavam, nós os angolanos, a maior parte, queria a independência em Angola, faziam-se campanhas na rádio e eu era parte do grupo que lutava pela independência, andava nas ruas a fazer confusão. O 25 de Abril significava que o nosso objetivo estava cada vez mais próximo.

Quem eram as pessoas que participavam nos movimentos de libertação?

Todos os angolanos de qualquer raça que nasceram em Angola até mesmo brancos queriam a independência, tinha alguns mais velhos, mas a maioria eram jovens.

De que forma esta data afetou a vida das pessoas?

A mim não me afetou tanto, pois naquela altura só o negro é que era posto de parte, agora para nós não, por sermos africanos de raça mista, havia uma luta entre os que queriam a independência e muitos portugueses, e, por isso, mesmo após o 25 de Abril, ainda continuaram algumas guerras, mas foi uma data que marcou o fim da guerra colonial e o início da independência.

Como se sentiu no dia?

Naquele tempo, já sabíamos que a libertação estava perto, senti-me realizada, lutamos pela independência e muito, foi bom para todos. Esta data não foi apenas impactante para Portugal, dando fim ao regime salazarista, deu igualmente a chance às colónias de escolherem o seu caminho, mudando assim o futuro de povos acorrentados.

Anna Leitão, 12.º E



A FAMÍLIA E OS CÓDIGOS SOCIAIS

O único modelo de família aceite era através do casamento.

A idade mínima do casamento era aos 16 anos para o homem e 14 anos para a mulher.

A mulher, face ao Código Civil, podia ser repudiada pelo marido no caso de não ser virgem na altura do casamento.

O casamento católico era indissolúvel.

Existia a figura do Chefe de Família, ocupado pelo homem que detinha o poder marital e paternal. Salvo casos excecionais, o chefe de família era o administrador dos bens comuns do casal, dos bens próprios da mulher e bens dos filhos menores.

O Código Civil determinava que «pertence à mulher durante a vida em comum o governo doméstico».

Não eram reconhecidos os filhos fora do casamento (considerados ilegítimos) e não possuíam os mesmos direitos que os filhos nascidos dentro do casamento. Mães solteiras não tinham qualquer proteção legal.

A mulher tinha legalmente o domicílio do marido e era obrigada a residir com ele. O marido tinha o direito de abrir a correspondência da mulher.

O Código Penal permitia ao marido matar a mulher em flagrante adultério (e a filha em flagrante corrupção), sofrendo apenas um desterro de seis meses.

Até 1969, a mulher não podia viajar para o estrangeiro sem autorização do marido.

Gabriel Vargas, Lara Vieira, Maria Alão, Rodrigo Martins



EXPOSIÇÃO DE CARTAZES EM ESTILO CARTOON SOBRE OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

A exposição de cartazes alusivos aos 50 anos do 25 de Abril, patente na Escola Secundária Manuel Cargaleiro, realizada pela turma do 12.º ano do Curso Profissional de Técnico de Multimédia, pretende celebrar o 50.º aniversário da Revolução dos Cravos, o emblemático evento que marcou um ponto de viragem na história de Portugal. A exposição apresenta uma produção em sistema de desenho vetorial de cartazes que capturam os momentos históricos e os espíritos vibrantes que definiram o 25 de Abril de 1974.

A exposição reúne trabalhos dos formandos do 12.º ano, oferecendo uma perspetiva única e humorística sobre os eventos que levaram à queda da ditadura e à restauração da democracia no país.

«Esta exposição não é apenas uma homenagem ao legado do 25 de Abril, mas também uma celebração da liberdade de expressão que conquistamos», disse Bruno Moniz, aluno da turma. «Os trabalhos em sistema vetorial têm um poder único de transmitir mensagens complexas de uma maneira acessível, simplista e humorística, e é isso que torna esta exposição tão especial. Esperamos que os visitantes saiam não apenas com uma compreensão mais profunda da história de Portugal, mas também com um sorriso no rosto.»

Além dos cartazes em exposição, a Escola Secundária Manuel Cargaleiro organizou uma série de palestras e debates sobre o papel da liberdade na sociedade contemporânea, destacando a sua importância como uma vivência social.

Turma do 12.º do Curso Profissional de Técnico de Multimédia



A MULHER E O TRABALHO

As mulheres ganhavam menos cerca de 40 por cento que os homens.

A lei do contrato individual do trabalho permitia que o marido pudesse proibir a mulher de trabalhar fora de casa.

Se a mulher exercesse atividades lucrativas sem o consentimento do marido, este podia rescindir o contrato.

A mulher não podia exercer o comércio sem autorização do marido.

As mulheres não tinham acesso às seguintes carreiras: magistratura, diplomática, militar e polícia.

Certas profissões (enfermeira, hospedeira do ar) implicavam a limitação de direitos, como o direito de casar.

Diogo Pereira, Simão Marcos, Inês Carias, Viviana Sun



O DESAFIO DOS VALORES DE ABRIL E OS JOVENS

A revolução de 25 de Abril de 74 marca, em Portugal, a mudança do regime ditatorial do Estado Novo para um regime democrático. É a revolução que possibilita que hoje, por exemplo, eu esteja a escrever este artigo sem qualquer tipo de censura, respeitando qualquer opinião no debate público e com liberdade de expressão.

Neste ano de 2024 em que se celebram os 50 anos da revolução que desafios nos são colocados? Que valores fundados a 25 de Abril de 1974 estão a ser esquecidos?

Apesar de vivermos em democracia e de os valores de Abril estarem vivos, os desafios da nossa sociedade são diferentes dos de há 50 anos, as gerações foram-se renovando, e a geração mais nova está cada vez mais distante da data da revolução, o que dificulta a comparação entre os dois regimes. Esse testemunho pode ser dado pelas pessoas que viveram a ditadura ou pela memória histórica.

Vivemos tempos de incerteza a nível político-militar (bélico) social e económico. Em Portugal, os jovens têm como sua luta a da emancipação, que se tornou um problema grave pois um jovem depara-se com falta de trabalho e habitação, entre outras, com a questão da educação, a luta por uma economia que crie empregos e direito a salário correspondente a maior qualificação.

São lutas importantes para a nossa geração e, sobretudo, porque são jovens que só viveram e conheceram um regime: o democrático. A falta de resposta a muitas destas questões essenciais justificará a ideia que a democracia é um regime inoperante, e que os leva a uma situação de desespero e a pensar, cada vez mais, que a solução é aderir a ideologias extremistas.

O contexto constitui uma grave ameaça à democracia, e poderá provocar recuos a níveis históricos e levar à morte dos valores democráticos de Abril, isto é, regressar a um regime extremista.

É tão importante a celebração dos 50 anos do 25 de Abril e transmitir valores de liberdade e democracia aos jovens, para que não se cometam os erros do passado. É urgente continuar a luta pela liberdade de expressão, a luta pela liberdade de género, a luta das mulheres, a luta contra a guerra, a defesa dos nossos direitos e, mais importante, para que sejamos livres. Sempre livres! Viva o 25 de Abril!

Bernardo Miguel
Azevedo Delgado, 10.º T1

50 ANOS DA REVOLUÇÃO DE ABRIL

Durante o 25 de Abril de 1974, Portugal estava sob uma ditadura, mais conhecida como Estado Novo, liderado por Salazar e depois por Marcelo Caetano.

Na revolução que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos, as mulheres tiveram um papel importantíssimo, participando ativamente nas manifestações, distribuindo um símbolo (cravos) muito importante para a Revolução dos Cravos. As mulheres portuguesas alcançaram direitos e liberdades, a igualdade de género e o acesso a melhores oportunidades na educação e no trabalho. Celebramos este dia como um símbolo de esperança, força e a resiliência do povo português que procura oportunidades de uma vida melhor e um futuro justo para as gerações futuras. Celebramos Abril cantando a música que desempenhou um papel crucial no 25 de abril de 1974, «Grândola, Vila Morena» de José Afonso, que marcou o início da revolução, transmitida via rádio como um sinal para os militares avançarem e continua como hino na celebração da liberdade.

Bruna Fernandes, Beatriz Castanheira e Dayane Souza, 11.º H1

EU SOU... A LUTA DA MULHER DA COLÓNIA

Eu sou o que queres,
Faço o que queres,
Mas penso o que não queres que eu pense!
Sou tua escrava e não dependo dos teus pensamentos.

Faço o que queres, não o que quero
Estou presa nas tuas sombras,
E estou dividida em filamentos!

E o que me sai em palavras
Grita pela minha liberdade
E anseia pelo voo dos meus pensamentos
Por ai fora! Poder expressar livre o que sinto,
A dor de adaga cravada no meu peito.
Poder contar a minha história!

As minhas cicatrizes são testemunhas da minha luta
Os cabelos brancos dos anos de sofrimentos
Os calos da mão das minhas obras nunca vistas!

Estefânia Pereira, 11.º PAP

VIVER NUMA COLÓNIA PORTUGUESA ANTES DA REVOLUÇÃO DE 1974

Viver numa colónia portuguesa antes da independência não foi fácil para os colonizados.

Em todas as colónias a população era tratada de maneira diferente, sobretudo as mulheres, não tínhamos os mesmos direitos.

Alguns eram levados para o Forte de Cacheu para serem escolhidos pelos senhores para trabalho agrícola (plantações de café, amendoim e cacau) ou trabalho doméstico. Esta forma de escravidão estava enraizada na economia, nas práticas e nos costumes.

Muitas das vezes eram separados dos familiares e quem se opunha acabava por ser castigado por desobedecer às ordens.

Éramos trabalhadoras servis e o serviço era feito muito mais como uma forma moderna (e aceitável) de escravidão colonial do que como trabalho assalariado.

A sociedade carregava em si um racismo de Estado, legalizado e perpetuado pelo Estado colonial português.

A revolução de 1974 trouxe o fim do domínio colonial e a independência às colónias portuguesas.

Testemunho de Arcângela Sar Lopes
(tia de Estefânia Pereira, 11.º PAP)

QUERIDA LIBERDADE

Liberdade algo difícil de conquistar.
Algo que novamente nos querem tirar!
25 de Abril, um dia histórico.
Esta data jamais irá cair no esquecimento.

A rádio a tocar.
Cravo vermelho a florescer...
Portugal ganhou cor!
E a liberdade cantou.

Nenhum sangue derramado...
A liberdade começou!
Um capítulo que se fechou.
E um capítulo de liberdade que se abriu...



ENTREVISTA A MANUEL POUSA, PROFESSOR DE HISTÓRIA NO IES DA CORUNHA E PARCEIRO DA ESARS NO PROXECTO25

Em Espanha como se olha para a revolução dos cravos?

La revolución de los claveles probablemente se ve de forma diferente en Galicia que en el resto de España. En cualquier caso, a mí siempre se me presentó como un fenómeno ilusionante asociado con flores, el Grandola y la libertad. De hecho, mi madre, nacida en 1945, me comenta esa idea de libertad hoy en día. Y es una mujer de derechas. Yo recuerdo cantar con mis amigos el Grandola cuando salíamos de noche. Pero éramos todos de familias de izquierdas

En mi familia era común ir a Portugal. Supongo que en aquellos viajes infantiles ya me hablaron de la revolución. Fue muy importante para la generación de mis padres, había algo especial en vuestra revolución.

Haverá alguma explicação para o avanço da extrema direita e o ataque à liberdade e à democracia, aos valores de abril?

Desde mi perspectiva, la izquierda no ha sabido responder al neoliberalismo. Aunque no ha abandonado a los trabajadores, fenómenos como la inmigración también les ha dejado descolocados. Probablemente, que sus votantes pasasen a ser de clase media y la casi desaparición de la clase obrera los transformó y no supieron adaptarse. A mí me encanta vuestra revolución! 50 años después, deseo que los valores de la revolución permanezcan.

Tomás Maia, 10.º E1

CANÇÕES QUE MARCARAM A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

No dia 25 de Abril de 1974, Portugal testemunhou uma das noites mais emblemáticas da sua história recente, a Revolução dos Cravos e a música serviu como trilha sonora para marcar esses momentos históricos.

Duas canções ecoaram como sinal para a revolução.

«E Depois do Adeus», de Paulo de Carvalho, transmitida na Rádio Renascença na noite de 24 de abril – esta canção serviu como alerta ou sinal prévio para os militares do MFA se colocarem em prontidão. Era a mensagem codificada da coordenação da Revolução, indicando que era a hora de todos se prepararem para a ação.

«Grândola, Vila Morena», de José Afonso, transmitida depois do «E Depois do Adeus», será o sinal claro, a senha para indicar que a Revolução estava em marcha e era irreversível, marcando o avanço do movimento e a inevitabilidade da mudança. É considerada o hino da Revolução dos Cravos.

Outras canções marcam os dias de Revolução dos Cravos:

«Canta Camarada», de José Afonso. A letra de esperança e solidariedade fortaleceu a determinação pela luta e defesa da liberdade e da democracia.

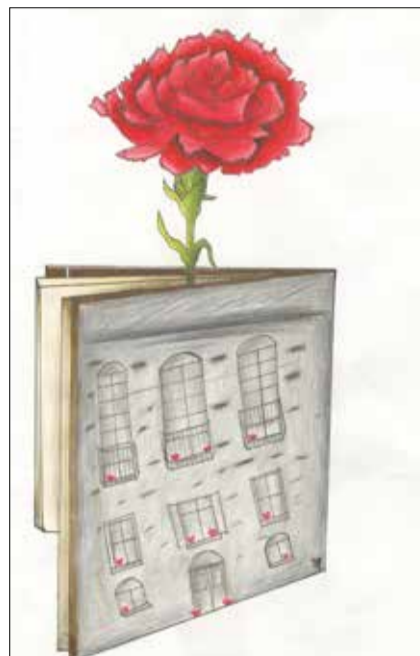
«Venham Mais Cinco», de José Afonso, serviu como uma fonte de energia e otimismo durante o movimento revolucionário, incentivando as pessoas a persistir na luta por um futuro melhor.

«Desta Vez É Que É de Vez», com letra de José Niza, dá a letra à marcha do MFA, "«A Life on the Ocean Wave».

«Portugal Ressuscitado» celebra o renascimento de Portugal após anos de ditadura. Com uma mensagem de otimismo e renovação, reforça o sentimento das ruas e praças cheias de gente para celebrar e manifestar o seu apoio ao movimento.

As canções tornaram-se hinos de esperança e mudança, com a mensagem política de cariz revolucionário com a força «A Cantiga É Uma Arma», como nos canta José Mário Branco.

Maria Ribeiro, 10.º T1



UMA HISTÓRIA PESSOAL DO DIA 25 DE ABRIL EM PORTUGAL

O dia 25 de Abril de 1974 é uma data importantíssima porque marca o fim de quase meio século de ditadura, de décadas de opressão e autoritarismo, e abriu caminho para a democracia, liberdade e progresso.

Ao comemorar os 50 anos da Revolução de 25 de Abril e para relembrar a importância desta data, estive a falar com a minha avó, Fátima Franco, que viveu esse momento tão marcante da nossa História e que sempre recordou como símbolo da luta pela justiça, igualdade e direitos humanos em Portugal.

A minha avó tem 78 anos, mas lembra-se perfeitamente de como foi o 25 de Abril e não o esquecerá.

A minha avó tinha 28 anos, trabalhava numa fábrica têxtil, fazia fatos de homem, e como muitas pessoas estava descontente com a opressão, a censura, o medo e a pobreza em que vivia.

No dia 25 de Abril de 1974, a minha avó saiu de casa de manhã e apanhou o autocarro para a fábrica. Estava a meio da costura de um fato, quando vários colegas irromperam pela fábrica a gritar: «Liberdade! Liberdade!»

Depois de alguma confusão, foram todos para o Rossio festejar a liberdade. Enquanto estava no Rossio a festejar, a minha avó viveu uma sensação de alegria e de liberdade que nunca tinha tido, prometendo a si mesma nunca mais esquecer algo tão importante e tudo fazer para que nunca mais ninguém o esqueça ou ponha em causa algo tão essencial como é viver com dignidade, sem medo, em liberdade e em democracia.

Matilde Franco, 9.º F

ABRIL HOJE

Foi no dia 25 de Abril de 1974 que o povo unido numa só causa colocou fim à ditadura e disse sim à liberdade.

Este ano comemoramos 50 anos de uma luta coletiva que uniu o povo português: a Revolução dos Cravos, aquelas bonitas flores de esperança que foram colocadas nas pontas das espingardas.

Os cravos guardam a história de há 50 anos e simbolizam a gota de esperança do povo português, brutalmente oprimido pela ditadura, para ganhar a liberdade tão desejada.

Foi necessária a ambição e dedicação de muitos que lutaram pela liberdade e democracia.

Hoje, brindamos a todos os que tornaram a liberdade um bem comum.

Hoje, somos os responsáveis por contar este acontecimento tão importante para o nosso país, para que as futuras gerações continuem a honrar os homens e as mulheres e os valores por que lutaram.

Hoje, somos nós a gota de esperança para tornarmos Portugal um país mais evoluído, com bonitos valores e que, acima de tudo, defende a liberdade e a vida com dignidade e sem medo.

Viva Portugal! Viva o 25 de Abril! Viva a nossa liberdade!

Inês Rodrigues, 12.º T1

A ESCOLA ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE ABRIL

A escola não era para todos.

Os alunos eram obrigados a usar farda. Os professores aplicavam castigos físicos.

Os alunos tinham de saber de cor a tabuada, os rios, as serras e os caminhos de ferro.

Os alunos tinham de rezar todos os dias. Os rapazes e raparigas frequentavam escolas diferentes.

Os alunos cantavam o hino nacional em sala de aula que tinha na parede: a fotografia de Salazar, a fotografia de Óscar Carmona e um crucifixo.

A revolução trouxe-nos:

O ensino para todos, inclusivo e público. O uso de farda só é obrigatório em alguns colégios privados.

É proibido qualquer tipo de violência.

Os alunos são motivados a pensar, a desenvolver o espírito crítico.

Na escola, podemos dar opiniões e sugestões.

Vive-se sem medo, com dignidade, em democracia e em liberdade!

Lídia Jau, 9.º E





COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

A turma 10.º G está a elaborar um projeto ligado às comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. No início do ano, os alunos e as alunas da turma iniciaram um estudo sobre os direitos humanos. Formaram-se grupos que, depois da pesquisa e de vários debates, escolheram os direitos que cada um achou mais importantes, como a educação, a saúde, a habitação, mas acima de todos a liberdade, a grande conquista do 25 de Abril e a liberdade de expressão, a ela associada.

A partir daqui, a turma debateu também sobre a ausência de direitos humanos e de liberdade que muitos ainda vivem. E escolheu como tema as migrações no Mediterrâneo, tendo como objetivo sensibilizar as pessoas sobre os perigos e as dificuldades que os imigrantes passam para sair do seu país. As razões para terem escolhido este tema foi por haver atualmente muitas migrações, ser um assunto muito discutido na Europa e porque na ESA há muitos estudantes de África e do Brasil que migraram para Portugal ou têm familiares que passaram por esse processo.

A turma foi dividida em dois grupos: os artistas e os investigadores. O grupo dos artistas está responsável pela realização e organização de uma instalação que representa as vidas perdidas no mar Mediterrâneo. A instalação terá elementos que farão uma analogia à Revolução dos Cravos pois, tanto a revolução como este trabalho, é um protesto que apela a favor da paz, dos direitos humanos e da liberdade. Por exemplo, as pombas brancas, manchadas de vermelho, simbolizam a paz comprometida pela falta de liberdade.

Os investigadores ou escritores investigam as razões das pessoas migrarem, do seu sofrimento, das mortes no mar, dos muros, dos campos de refugiados... Para isso o grupo está dividido em quatro temas: entrevistas, causas climáticas, causas políticas, causas económicas. O resultado deste trabalho e das entrevistas em realização, assim como de fotos alusivas ao tema, serão materiais expostos em painéis, à volta da representação artística do mar Mediterrâneo, local de morte.

Leticia Marques, Tiago Simões, Ana Sofia Henriques, Beatriz Campos, Liniza Andrade, Vivian Santana

AS MIGRAÇÕES ANTES E DEPOIS DO 25 DE ABRIL

Antes de 1974, havia estudantes africanos nas universidades de Lisboa. De acordo com o site da CEI (Casa dos Estudantes do Império), esta foi criada para os acolher, acabando por se tornar num local de oposição ao Estado Novo, e por isso é encerrada pela PIDE em 1965.

Antes de 1974, estando Portugal sob a ditadura, muitos portugueses saíam do país de maneira ilegal quer para encontrarem melhores condições para a sua vida quer para fugirem ao regime político, sendo a França o seu principal destino. Alguns jovens também tentaram escapar da guerra colonial, porque os rapazes eram todos obrigados a prestar serviço militar.

A guerra colonial foi um dos motivos que levou os portugueses a revoltarem-se, principalmente jovens, e a fazerem o 25 de Abril. Do outro lado, muitos africanos lutavam pela independência nos seus países: Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique eram colónias de Portugal e não tinham o direito de decidir sobre o seu destino. Após o 25 de Abril, o golpe militar que mudou a realidade dos portugueses, a liberdade foi finalmente conhecida como um direito de todos os cidadãos de Portugal. Essa liberdade recém-adquirida motivou habitantes de países de língua portuguesa a emigrarem por várias razões: políticas, económicas e sociais.

A Guiné-Bissau foi a primeira colónia portuguesa de África a tornar-se independente, tendo-se libertado em setembro de 1974. Antes disso, aconteceu a Guerra Colonial, que durou 13 anos, terminando em 1974, com um elevado número de vítimas. A luta armada contra o poder colonial e os últimos tempos do regime fascista em Portugal contribuíram para a libertação de Guiné-Bissau. Também Cabo Verde, S. Tomé, Angola e Moçambique conseguiram a independência, no ano seguinte, em 1975.

Os conflitos que ocorreram na África de língua portuguesa, após a independência, foram responsáveis por grande parte das migrações. Mas também por Portu-

gal necessitar de trabalhadores, no seu processo de desenvolvimento e de entrada na União Europeia.

Os cabo-verdianos foram um dos primeiros habitantes de um país de língua portuguesa a vir para Portugal, com o objetivo de fixarem residência. Saíram à procura de trabalho, para estudar, por questões de saúde. Mas também aconteceu a chegada mais significativa de guineenses, assim como são-tomenses, angolanos e moçambicanos. Por exemplo, alguns angolanos procuraram melhores oportunidades de emprego e condições de vida em Portugal, mas também fugiram de uma longa guerra civil que lá aconteceu e, hoje, da instabilidade política e falta de liberdade de expressão.

O grande país que é o Brasil contribuiu e contribui para a mistura cultural que hoje caracteriza a nossa sociedade e a nossa escola. Nos finais dos anos 90 e princípios do século XXI muitos procuraram emprego em Portugal, apresentando-se razões económicas, como o desemprego e baixos salários, para justificar a imigração. Com altos e baixos, geralmente ligados a crises de diferente tipo, a imigração do Brasil quase duplicou entre 2016 e 2019: ou para se juntar à família ou para trabalhar ou até para estudar no ensino superior, foram os motivos das recentes migrações.

Grande parte destas comunidades vivem na região conhecida por Vale do Tejo. Muitas pessoas de Cabo Verde, de Angola, da Guiné, de S. Tomé e do Brasil estão na Margem Sul e no nosso concelho. E aqui estamos nós! A nossa turma tem todas estas nacionalidades! Esta é, também, a história da nossa escola!

*Este artigo recorreu aos dados do Observatório das Migrações, Equipa de Projeto do Alto Comissariado para as Migrações

Beatriz Campos, Beatriz Santos, Cláudio Zati, Esperança Rocha, Jaciara Alexandrino, Rebeca Mota e Renato Carvalho

HINO À LIBERDADE

Hino à liberdade.

Hino à liberdade e a todos que se foram,
Hino à liberdade e a todos que lutaram,
A todos que não se deram por satisfeitos,

A todos que perderam as suas vidas,
em batalhas pedidas por um ditador,
que ao seu povo causou tanta dor...

A dor de abrir um caixão e ver que dentro está o seu irmão, o seu filho, o seu pai, o seu amor.

E sonhar, quando é que chega a liberdade?...

No dia 25 de Abril, Portugal acordou!

A liberdade e a paz, o povo conquistou.
E um novo tempo se iniciou.

Com Portugal ressuscitado, o povo iluminou.

Agora, ao comemorar 50 anos, desejo que a memória do tempo perdure...

Ao saber do que se passou, percebi o quanto o povo lutou pela LIBERDADE.

E vi o quanto é forte a nossa terra da FRATERNIDADE.

Ana Gomes, 12.º TAS

O CAMINHO PARA A LIBERDADE

COMEMORAR OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL, É MANTER VIVA A LIBERDADE

Sempre vivi em liberdade, por isso é-me difícil imaginar viver sem ela. Mas resolvi conhecer o caminho para a liberdade. Falei com familiares, amigos, relembrei conhecimentos, li, vi vídeos e fui percebendo quão foi duro o caminho para a conquistar. Reaprendi a dar valor à luta e ao esforço de outra geração.

Por causa da luta de outros, da Revolução dos Cravos, podemos olhar em frente, vivemos em democracia, podemos votar, estudar, ser livres no pensamento e na ação, errar e recomeçar, andar de cabeça erguida sem termos medo das sombras, circular livremente, ter acesso à informação, viver sem o lápis azul da censura. Temos de agradecer a todos aqueles que nos deram um país novo para vivermos e sermos homens e mulheres de plenos direitos. Mas temos de estar atentos e continuar a lutar pela liberdade.

Viver em liberdade é respirar e continuar a sonhar por um mundo melhor.

Viva o 25 de Abril!

Ana Gomes, 12.º TAS

MANTER A LIBERDADE É PRECISO!

A liberdade é o valor essencial de uma sociedade justa e democrática, por isso o agradecimento a todos aqueles que nos deram o Portugal de Abril. É a capacidade de sermos quem somos, de expressarmos nossas opiniões e de agir de acordo com nossos princípios, desde que não prejudiquemos os outros.

Para manter essa liberdade, é necessário respeitar os direitos individuais e coletivos. Devemos estar sempre atentos às limitações à liberdade de expressão, de pensamento e de ação, daí o nosso dever de manter a liberdade, de sermos cidadãos livres.

É também muito importante promover o diálogo e o respeito mútuo, para que todos tenham espaço para serem ouvidos e para que as diferenças possam ser respeitadas.

Assim, a liberdade não é apenas um direito a ser exercido, mas uma responsabilidade que todos devemos assumir para garantir uma sociedade mais justa e livre.

Diogo Horta, 12.º TAS

HOMENAGEM AO 25 DE ABRIL

O que é a liberdade?
 Liberdade é um estado ou condição
 daquilo que não está preso, confinado
 Pelo menos é isso que diz o dicionário
 É um pássaro que voa livre num céu
 iluminado
 É dizer em voz alta aquilo que
 se guarda num diário
 É uma revolta
 Uma população não mais aprisionada
 É dizer basta!
 Empunhando um cravo na espingarda

Dizem que somos livres
 Mas onde se traçam os limites
 à liberdade?
 Seguimos todos as mesmas leis,
 vivemos nas mesmas linhas
 Fecham as portas à diversidade
 Aprendemos as mesmas coisas
 na mesma idade
 Engenheiro, médico, professor
 ou cientista
 Fecham a porta às opções
 E se eu quiser ser artista?
 Atribuem rótulos a quem não
 se encaixa no padrão
 Burro, atrasado, ladrão
 Jamais terás futuro se não seguirem
 o sistema
 Ora aqui está o dilema
 Seguir o coração ou uma lógica
 sem noção?
 Dia 25 de Abril de 1974
 A população sai à rua entoando
 liberdade
 Um golpe de estado
 uma promessa de mudança

Adeus lápis azul! Jamais tornarás
 a riscar os meus textos
 Podemos falar politicamente sem
 sofrer tortura
 Dar opinião sem sofrer censura
 Mas uma mulher continua a não poder
 andar na rua
 O aborto é discutido
 A homofobia e o racismo
 continuam a matar
 Realmente o mundo é livre, mas
 para quem será?
 Somente para aqueles que conseguem
 pagar a liberdade
 Viver fora do sistema
 Dizer o que bem lhes apetece
 sem consequências
 E esses são os mesmos
 que nos governam
 Serão apenas coincidências?

Milhares de vozes continuam
 silenciadas
 Guerra, fome, pobreza
 A minoria é aprisionada

Então, viva a liberdade!
 Viva a expressão
 A tudo aquilo que até agora
 foi conquistado
 Viva a guerra, a fome, e a corrupção
 Viva a todo o quadro!

Constança Frazão, 10.º A

Prémio atribuído no âmbito do Concurso Literário
 Jogos Florais 2023-2024

25 DE ABRIL SEMPRE

A liberdade é um direito fundamental porque sem esta não podemos decidir o que fazer com a nossa vida! Não teríamos a hipótese sequer de nos conhecer. A liberdade permite-nos aceder à nossa autenticidade, pelo direito que usufruímos de pesquisar livremente sobre um assunto que nos suscitou essa vontade e necessidade, por forma a poder formar uma opinião própria e a poder desenvolvermo-nos enquanto indivíduos e enquanto povo. Não sabemos bem o que terá sido ter medo da censura e da repressão, mas conseguimos bem avaliar o efeito que tem a possibilidade de estudar e de debater ideias. A exploração de diferentes perspetivas faz-nos crescer. Assim, a liberdade de expressão é um direito porque toda a gente se pode expressar como quiser e esta iniciativa é prova disso: enquanto grupo de formandos, expressamos livremente o que nos corre no pensamento, e a nossa voz será divulgada num jornal interescolar. A acompanhá-la, vem a liberdade de pensamento, ainda que seja, para nós, difícil conceber grades nesta área. Essencialmente, traduz-se no livre e fácil acesso às fontes de informação e à cultura. Apesar de sermos adultos, já nascemos

num país livre, onde não se pensa que seja possível que as escolas fossem fechadas a muitas crianças do nosso país! Tinham de trabalhar, para ajudar os pais a criar os muitos filhos que tinham. Como conseguiriam elas, sendo-lhes negada a instrução, defender-se dos interesses que movem os poderosos? Como conseguiriam aquelas crianças ver assegurado, adultos já, o seu direito à igualdade e à justiça, sem distinção de raça, de credo ou qualquer outro fator? Como é que sequer poderiam pensar nestes termos? Sem oportunidade de sair da pobreza e do analfabetismo, sem emprego nem iniciativa para a sua criação, sem o direito à justiça, sem viajarem dentro do país, como poderia haver esperança de mudança e de bem-estar coletivo? Agora, que estas questões estão asseguradas, há que as defender com determinação! Agora, há que continuar a luta por um mundo melhor! 25 de Abril sempre? É claro que sim!

RVCC Básico – GN16 do Centro Qualifica da Escola Secundária de Amora

LER PARA SER LIVRE: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Com o 25 de Abril podemos ler todos os livros que quisermos em liberdade, sem a censura nem o lápis azul! Hoje, mais do que nunca é importante ler para crescer. Agora, as novas tecnologias fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, o que resultou em haver jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, ficando com um vocabulário cada vez mais pobre.

A leitura é algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois através dela podemos enriquecer o nosso vocabulário, obter conhecimentos, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Ao tornarmos a leitura um hábito acaba por se tornar um prazer. O hábito de ler deve ser estimulado desde a infância. Para que o indivíduo aprenda a importância da leitura e assim crescer sendo um adulto culto, dinâmico e perspicaz.

A leitura em voz alta coloca a criança em outras dimensões da linguagem e da escrita que serão muito importantes no seu desenvolvimento. Não existe idade certa para dar início ao incentivo da leitura.

Estimular a leitura desde bem pequeninhos é o caminho mais curto para a formação de um futuro leitor.

Ana Raquel Felício, 10.º G

A ARTE NA RUA

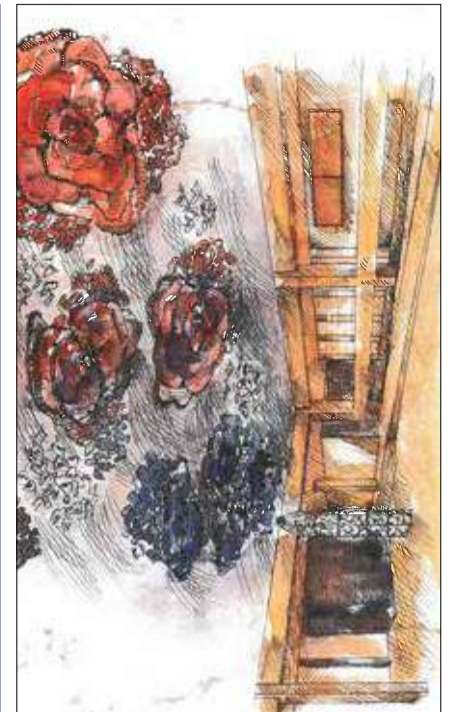
A Revolução do 25 de Abril trouxe a democratização no acesso à cultura e à arte e também contribuiu para a descoberta de novas expressões. É o caso dos cartazes que, na altura da Revolução, foram uma forma de expressão de grande impacto e força e tinham um propósito maior: o da comunicação.

Os artistas, logo após o 25 de Abril, passam a praticar outra forma de manifestação pública: as pinturas murais, chamadas também de arte aberta, sendo estas completamente acessíveis à população, no quotidiano, nas ruas e nas praças.

Luiana Ribeiro, Miriam Pereira e Sara Semedo



Ilustração: Daniela dos Santos



25 DE ABRIL SEMPRE!

Esta expressão diz muito mais do que parece e não é muito fácil explicar. Na primeira leitura é uma data histórica onde o cravo ficou marcado como símbolo da nossa revolução e da conquista da liberdade, tão difícil de alcançar. Mas porque sentimos que, se pudermos, nos tiram a liberdade? Como podemos assegurar a liberdade de pensamento? E a de expressão? E o que é ter liberdade, afinal, e com isso sermos melhores pessoas? É viver a partir das nossas escolhas? Mas mesmo errar é fruto da liberdade... Acho que é usar o privilégio de sermos, perante a lei, iguais em direitos e oportunidades. Isto, se for respeitadora, claro! Antes, não se podia fazer isto, ousar expressar o que se pensa, porque se ia preso, até por denúncias de vizinhos, de falsos amigos, e mesmo das crianças, que contavam o que os pais diziam ou faziam, sem perceberem que o medo levava as pessoas a esconderem-se e a ficarem pequeninas. Mas o que importa, é que o grito de «25 de Abril Sempre!», tendo nascido no nosso país, seja adotada no mundo inteiro. Em toda a parte, temos que lutar para equilibrar as injustiças e o poder que dá demasiadas liberdades a uns, e nenhuma a outros. Temos que, como sempre, nos unir e continuar a lutar pela liberdade do ser, negando o culto dos bens materiais: ter, possuir e mais outra vez arrecadar, dá cabo das pessoas, da paz e do mundo inteiro!

Texto coletivo proposto pela turma 2B3 – EFA (Educação e Formação de Adultos)

ACRÓSTICOS DE ABRIL

Revolta
Espingarda
Vontade
Operação
Luta
União
Cravos
Armada
Ocasião

Martim Batista e Pedro Mota, 6.º D

O LÁPIS AZUL DA DITADURA

Durante mais de 40 anos usou-se o lápis azul para censurar o que se opunha à ditadura em Portugal.

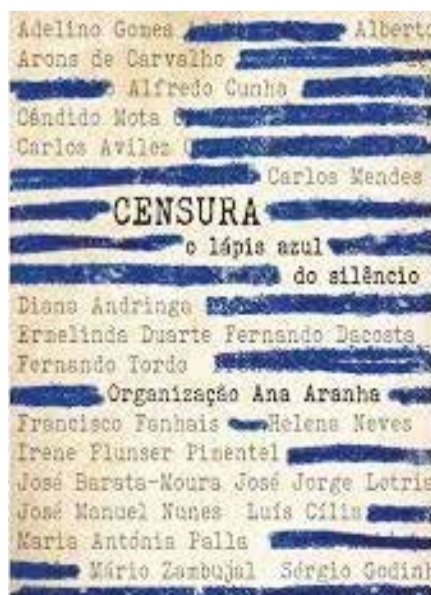
Vários artistas foram censurados, como o Zeca Afonso e o José Mário Branco, que foram cantores de intervenção.

Zeca Afonso foi o autor da canção «Grândola, Vila Morena» que se tornou um símbolo da Revolução.

Também foram censurados teatros, notícias, fados, anúncios, livros, cinemas, canções e até mesmo pinturas, nada escapava.

A liberdade de expressão foi uma das conquistas da Revolução do 25 de Abril.

Martim Batista e Santiago Ferreira, 6.º D



REVOLUÇÃO

Foram lutas
E alguns heróis
Foram esperanças

À espera de mudanças.
Foi a revolução
Com muita união
Decididos militares
E pessoas aos milhares.
Foram tentativas
E alguns fracassos

Ficou conhecida
Por Revolução dos Cravos.

Lia da Silva, 5.º A

CURIOSIDADES SOBRE O 25 DE ABRIL

Sabias que...
Para ter um isqueiro era preciso uma autorização das Finanças?
As crianças na escola tinham de usar batas e não havia turmas mistas?
As professoras primárias precisavam de licença para casar, a qual era dada pelo Ministro da Educação Nacional?
Não era permitido beber Coca-Cola, pois se fosse permitido, a indústria dos vinhos cairia drasticamente?
Não era permitida a discussão de ideias?
Não era permitido festejar o Dia do Trabalhador?

Martim Batista e Pedro Mota, 6.º D

O QUE É A DEMOCRACIA?

A democracia surgiu da Grécia antiga que é a junção das palavras «Demo» que significa povo e «Kratos» que significa poder. A democracia é o poder dado às pessoas com mais de 18 anos para que possam votar em quem querem que os governe e a maioria é que ganha. A democracia é o oposto da monarquia onde é um rei ou uma rainha que decidem o que fazer e que, depois de morrerem, deixam um filho, uma filha ou um familiar a mandar. Na democracia o povo escolhe os políticos que vão governar algum tempo. Os presidentes da República exercem o cargo durante cinco anos e o governo e o primeiro-ministro durante quatro anos. O 25 de Abril de 1974 (ou dia da liberdade) trouxe-nos a democracia.

Rafael Moreira, 6.º D



LIBERDADE

Liberdade, o que é?
É como um pássaro a voar,
como uma criança a brincar,
sem se preocupar...

É andar sem alguém a controlar,
É o direito de estudar e de trabalhar,
É ser cidadão,
É ter direito a fazer escolhas políticas e religiosas,
É poder expressar a opinião,
É não ser maltratado,
É libertar-se de algo que nos prende.
É amar e ser amado,
É ter o direito a uma família e a um lar!
Liberdade, o que é?
Não sei, mas para mim, liberdade é TUDO!

Poema coletivo da turma do 8.º A

É poder sonhar,
Ser único, ser diferente,
Ser livre e também poder errar,
E discordar de toda a gente!
Quem é livre, voa alto e tem a sua própria maneira de pensar,
Mas quem não é livre, está preso ao chão,
com correntes de ferro e depois só sobra o desespero...
Mas há quem lute pela liberdade,
Custe o que custar.
Porque no final da sua vida,
Não se vão lamentar!

Martim Batista, 6.º D

Liberdade! Essa ideia sempre existiu dentro do ser humano, mas este é que demorou tempo a libertá-la, já que os conceitos de liberdade apenas começam a ser mais aprofundados com a Revolução Francesa, no século XVIII. A partir dessa altura, pode dizer-se que o ser humano começou a fazer mais protestos pela liberdade, pois a partir dessa altura muitos países da Europa começaram a realizar protestos pela liberdade. Ainda que, nessa altura, esse conceito não tivesse sido muito bem aprofundado, agora e dando um salto no tempo até ao momento presente, o conceito de liberdade já é expresso bem livremente, pois já temos muito mais conhecimento sobre o assunto e sabemos mais ou menos o que é ser livre. Ainda, em alguns países, há muitas pessoas que não conhecem a liberdade, porque nesses países a liberdade não é um conceito, mas sim uma palavra «presa a sete chaves».

Duarte Correia, 6.º D

Livre
Independência
Bondade
Expressão
Revolução
Direitos
Autonomia
Democracia
Eleições

Rafael Morais, 6.º D

AS CORES DE ABRIL «50 ANOS DE 25 DE ABRIL»

A pequena mostra que se apresenta, inserida na comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, faz parte das atividades de exploração plástica que estão a decorrer nas aulas de Educação Visual dos 2.º e 3.º ciclos.

O tema 25 de Abril para os nossos alunos é cor, imaginação, criatividade e liberdade de expressão.

Testemunhos dos alunos:

Sinto que sou uma artista, feliz e concentrada. Gabriela Hipandulua, 5.ªA

Feliz, aprendi a desenhar o que é a liberdade, sinto-me livre! Lia Silva, 5.ªA

Gosto de trabalhar em grupo, aprendi os símbolos do 25 de Abril: a paz, a liberdade e a democracia. Kethewe Oquisso, 5.ªA

Depois de compreendermos a revolução do 25 de Abril foi fácil ter mais criatividade para começar a pintura. Carla Gonçalves, Iara Santos, Luana Antunes e Marta Santiago, 9.ºC

Inicialmente não sabíamos como nos expressar, mas quando tivemos a inspi-



ração dos documentários foi fácil.

Filipe Silva, André Teixeira e Rúben Urakawa, 9.ºC



“ANTES E DEPOIS DO 25 DE ABRIL”

[antes] Um pequeno grupo de famílias dominava o país, e a ditadura servia para manter e ampliar os privilégios desse grupo.

[depois] A 25 de abril de 1974 levaram a cabo um golpe de Estado militar, pondo fim ao regime ditatorial do Estado Novo.

[antes] A maioria das escolas e liceus tinham turmas de rapazes e turmas de raparigas separadas.

[depois] Todos têm acesso à educação pública, gratuita, inclusiva e de qualidade e à habitação.

[antes] As eleições para escolher os governantes não eram livres. As mulheres só podiam votar se tivessem o ensino secundário.

[depois] Agora todos os maiores de 18 podem votar.

[antes] Não se podia dizer mal do Governo. Tudo passava pelo rigoroso «lápis azul» da censura e era comum livros, músicas, desenhos e notícias serem apreendidos por serem em causa a ordem pública.

[depois] A revista à portuguesa começou por fazer crítica política e manteve a tradição com a chegada da democracia.

[antes] As mulheres não tinham os mesmos direitos legais que os homens.

[depois] Todos têm os mesmos deveres e direitos.

[antes] As professoras do ensino primário deveriam permanecer solteiras, só podendo casar mediante com autorização do Ministério da Educação.

[depois] Todas as mulheres se podem casar sem autorização.

[antes] Não era permitido reuniões para falar ou discutir ideias. A PIDE – polícia política (PIDE/DGS) não permitia.

[depois] Entre as medidas imediatas da revolução conta-se a extinção da polícia

política (PIDE/DGS) e da censura. Os sindicatos livres e os partidos são legalizados.

[antes] Não era permitido festejar o Dia do Trabalhador.

[depois] Com a revolução os portugueses passaram também a ter férias e o subsídio respetivo.

[antes] Não havia os hospitais, os centros de saúde e os médicos de família que há hoje.

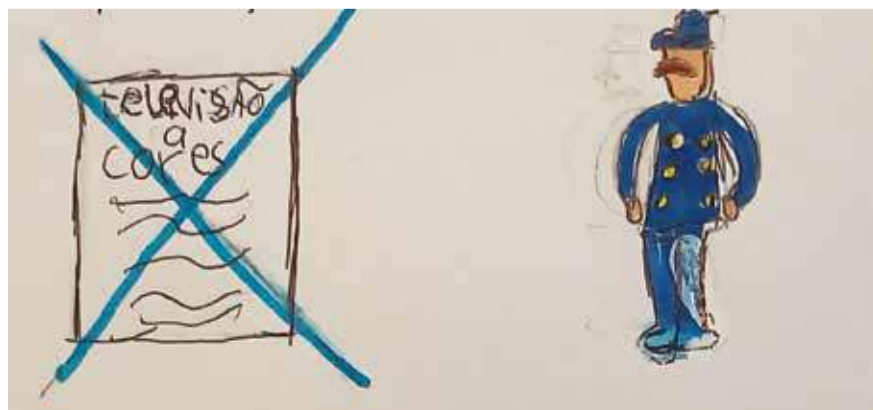
[depois] Apareceu o Serviço Nacional de Saúde, a que todos podiam recorrer.

[antes] Muitos meninos e jovens não tinham possibilidades de ir à escola e eram obrigados a trabalhar – na construção civil, nos campos, nas fábricas, no serviço doméstico –, isto numa idade que era a de estudar e de brincar.

[depois] As pequenas lojas de bairro sofreram e muito com o aparecimento das grandes superfícies. O fiado foi substituído pelos cartões e pelas promoções. Já os supermercados trouxeram maior quantidade e variedade de produtos.

Cravos Vermelhos: o símbolo do 25 de Abril. Neste dia o povo português e as forças militares insurgiram-se nas ruas contra o regime ditatorial da altura, uma revolução que iniciou o processo de instauração da democracia em Portugal.

Leonor Ferreira, 4.º A da EB da Torre da Marinha





25 DE ABRIL SEMPRE – LIBERDADE E DEMOCRACIA

No dia 25 de Abril de 1974, Portugal testemunhou uma revolução que ficaria gravada na história como o 25 de Abril. Foi o dia em que o país se libertou de um regime autoritário que perdurou quase meio século.

A Revolução dos Cravos, como ficou conhecida, foi liderada pelos militares, contando com o apoio da população. As ruas encheram-se de pessoas ávidas por liberdade, democracia e pelos direitos fundamentais que foram restringidos por tanto tempo.

Foi muito mais do que uma simples mudança política. Foi a conquista da liberdade de expressão, do direito à educação, do sufrágio universal e da participação ativa na vida política. Os cravos vermelhos, símbolo da revolução, foram oferecidos aos soldados e aos cidadãos, representando a paz e a esperança de um novo Portugal.

Desde então, a democracia tem sido o alicerce da sociedade portuguesa. As eleições regulares permitem que os cidadãos escolham os seus representantes, garantindo a diversidade de ideias e a proteção dos direitos individuais. A liberdade de imprensa floresceu, permitindo a expressão livre das opiniões e o escrutínio dos poderes instituídos.

No contexto escolar, o 25 de Abril é uma oportunidade para refletir sobre o valor da liberdade e da democracia. Os alunos têm o privilégio de aprender sobre o momento histórico, mas também é a ocasião de reafirmarem o compromisso com os princípios democráticos, formando-se assim cidadãos que se querem críticos e conscientes dos seus direitos e deveres. Que esta data inspire as gerações futuras a valorizar e defender os pilares que tornam possível uma sociedade livre e justa.

Inês Simões, 8.º F



Beatriz Borges, Soraia Silva e Rafael Raminhos, 8.º D

SABIAS QUE...?

A Revolução dos Cravos sensibilizou o mundo. Quem diria que a revolução portuguesa iria até influenciar revoluções em outros países, como em Espanha, no Brasil e na Venezuela?!

Será que a revolução teve sucesso à primeira tentativa?

Na verdade, já tinha havido outra tentativa de golpe, mas sem sucesso. Aconteceu a 16 de março de 1974, quando uma coluna militar saiu das Caldas da Rainha com destino a Lisboa, e seria acompanhada pelas unidades de Lamego, Mafra e Vendas Novas. No entanto fracassou, devido a uma rebelião em Lamego, que fez com que os restantes não quisessem arriscar. A missão foi abortada quando os militares já estavam em Santarém. No regresso às Caldas acabaram por ser detidos.

Foi uma revolução totalmente pacífica? Não é de todo verdade, visto que, no final do dia 25, quando os lisboetas foram até à sede da PIDE exigir o fim desta política política e a libertação dos presos que tinham nos calabouços, os seus dirigentes dispararam contra a multidão, o que originou quatro vítimas mortais e vários feridos.

Afonso Ramos, 9.º A



Gabriel Mateus, Margarida Fialho, Martim Trabuço, e Luana Correia

DIVERSIDADE DE PENSAMENTO

Muitas pessoas acreditam que homens e mulheres têm formas diferentes de pensar. No entanto, não existe nenhuma conclusão definitiva dada pela ciência de que, apesar de algumas diferenças biológicas entre os cérebros de ambos, isso tenha alguma relação com a forma como cada um dos géneros pensa.

Dito isto, é óbvio que distintas pessoas vão ter formas diversas de pensar. Como lidamos com as desiguais situações da nossa vida é o que molda a maneira como vemos o mundo.

A forma como pensamos é, muitas vezes, fruto da educação que varia conforme o género. Por exemplo, em famílias mais tradicionais, meninas vestem vestidos e brincam com bonecas, enquanto meninos vestem calças e brincam com carrinhos.

Termos formas de pensar diferentes é fantástico, pois promove a empatia, o diálogo e a diversidade. O problema começa quando as ideias de alguém prejudicam os outros. Existem homens que acreditam que, apenas por serem homens, são melhores que as mulheres, o chamado machismo.

Um dos argumentos frequentemente utilizado é que as mulheres não são tão inteligentes quanto os homens. Essa razão normalmente vem apoiada em factos como: ao longo da História, mais homens do que mulheres foram considerados génios; ou ainda, menos mulheres trabalham em atividades nas quais é preciso fazer muitos cálculos matemáticos.

Na verdade, encontramos outros dados que, esses sim, explicam a desigualdade de oportunidades entre os dois sexos. Por exemplo, a primeira escola em Portugal foi construída no século XII, durante o reinado de D. Afonso Henriques. Era frequentada por filhos da nobreza e por elementos do clero, ou seja, rapazes de

classe alta.

Outro facto: só no século XIX se normalizou que meninas da classe alta frequentassem escolas. Assim, os homens têm cerca de 700 anos de vantagem no que diz respeito à educação escolar.

No séc. XX a escola passou a ser obrigatória para todas as crianças, entre os sete e os doze anos, independentemente do género ou da condição económica e social, 800 anos depois da fundação primeira escola portuguesa. Foi apenas neste século que a maior parte das crianças pobres passaram a frequentar a escola. Mesmo assim, normalmente eram apenas os rapazes que prosseguiram os estudos, já que as meninas ou iam trabalhar como empregadas, ou ficavam em casa a aprender a ser uma boa esposa para o futuro marido. Este também controlava toda a vida delas. As mulheres apenas começaram a ter conta bancária em 1960, 114 anos depois do primeiro Banco de Portugal ser fundado.

Por tudo isto é extremamente injusto comparar a educação de ambos os sexos, visto que as mulheres, principalmente das classes baixas, sempre foram as mais prejudicadas pela sociedade. Elas não eram, não são, menos inteligentes que os homens, simplesmente não tiveram as mesmas oportunidades.

Apesar de todo o conhecimento e do estabelecimento da igualdade de género nas leis atuais, que datam apenas da Constituição aprovada após o 25 de Abril, a desigualdade de oportunidades entre géneros mantém-se ainda hoje, também em Portugal.

Inês Félix, 9.º B



Leonor Dias, Catarina Ramos, André Santos e Guilherme Guimarães, 8.º B

VOTAR NÃO É IMPORTANTE?!

O voto faz-nos decidir quem vai governar o nosso país e trabalhar para acabar com os problemas do mesmo. Muitos não votam porque acham desnecessário, mas votar faz com que contribuamos para o futuro, escolhendo a pessoa certa para governar.

Antes do 25 de Abril não era assim. Os homens que soubessem ler e escrever poderiam votar e as mulheres só o conseguiram fazer pela primeira vez no ano de 1931, mas apenas as que tivessem cursos secundários ou superiores. Necessariamente, as eleições expressavam a vontade de uma pequena parte

da população, não havendo liberdade de expressão.

Hoje temos muita liberdade para dar a nossa opinião sobre política de todas as formas, até através do humor, mas, antes do 25 de Abril, ninguém podia dizer nada. Se alguém se atrevesse a fazer uma piada sobre o governo era, normalmente, preso.

A única forma que as pessoas têm para se opor a este tipo de regime é votando, dando a sua opinião num papel, assinando o nome de uma pessoa ou de um partido que governe o seu país com orgulho, acabe com os problemas sem fazer

diferenças sociais e que mude o mesmo para melhor.

Atualmente temos muita liberdade de expressão e votar é uma delas. Toda a gente deve dar valor ao voto, porque sem ele qualquer pessoa podia governar o país, sendo bom ou mau, fazendo tudo o que quisesse.

E tu, achas que o voto não é importante?!

Íris Rocha, 8.º F

O QUE FOI (É) A CENSURA?

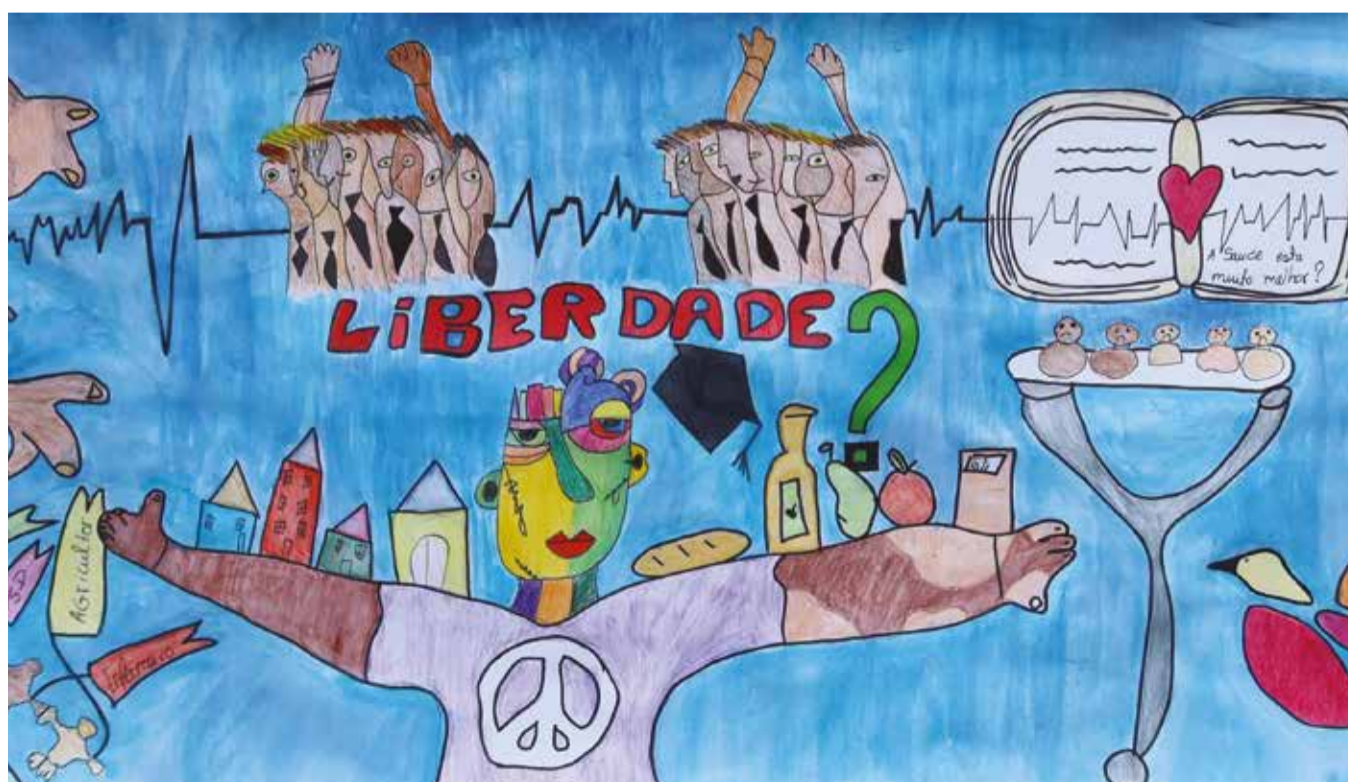
A censura em Portugal, durante a ditadura de Salazar, de 1933 a 1968, foi uma das medidas mais significativas e limitadoras da liberdade. Era um dos pilares do regime autoritário estabelecido pelo Estado Novo e foi uma ferramenta essencial para manter o controlo sobre a informação e assegurar a conformidade ideológica aos princípios do regime. Havia uma rigorosa vigilância da imprensa, controlavam-se estreitamente jornais, revistas e outras formas de média. Cada publicação tinha de ser escrutinada e aprovada pela censura antes de ser impressa. Todos os jornais eram controlados pelo Estado, mas alguns eram publicados e distribuídos clandestinamente, sendo apenas esses que a censura não cortava.

Todas as formas de expressão eram vigiadas e passavam pelo crivo da censura, desde as cartas pessoais, às aulas dos professores (sobretudo do ensino secundário e universitário), passando pelo teatro, cinema, música, rádio... Também havia muita censura na religião. A própria igreja era vigiada. O governo controlava quem liderava a igreja e monitorava os sermões dos padres e bispos, para evitar críticas ao governo. Muitas vezes as cartas privadas eram censuradas para evitar que as pessoas falassem contra o governo, ou transmitissem informações consideradas perigosas para o regime, a chamada vigilância da correspondência.

Assim, as pessoas tinham medo de falar, de escrever e até de pensar alguma coisa que pudesse irritar o governo, ou seja, as pessoas autocensuravam-se, ajudando o poder a manter o controlo das ideias e pensamentos.

Depois da Revolução dos Cravos, em 1974, que derrubou o governo autoritário, a censura foi abolida, permitindo mais liberdade de expressão em Portugal, da qual, ainda hoje, beneficiamos e lutamos para jamais voltar a perder.

Marta Borge, 8.º F



Lara Santos, 8.º B, Constança Soeiro, Ronaldo Gonçalves e Santiago Lage, 8.º B



A ESCREVER E A DESFILAR OS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

Dez turmas do 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas João de Barros participaram no projeto Juntos a Escrever!. Na semana anterior ao desfile de Carnaval das escolas do 1.º ciclo do ensino básico os alunos realizaram mais uma atividade de escrita criativa, na sala de aula.

Nesta breve notícia fica o registo, da colaboração de pequenos escritores, e a partilha desta atividade.

Com o tema do 25 de Abril vamos todos celebrar. Estamos todos a mil com cravos no ar.

Amanhã vou desfilhar com um cravo na mão. Vou comemorar o 25 de Abril com emoção.

3.º A M

Em fevereiro vamos desfilhar de soldados e floristas. Pelo Miratejo vamos brincar como verdadeiros artistas.

Já passaram 50 anos desde a revolução de Abril. Com os nossos soldados e mais de cravos mil.

3.º B N

Na sexta-feira vamos desfilhar e também vamos dançar. E não posso esquecer, vamos cantar. E não há tempo para descansar.

No 25 de Abril de 1974 aconteceu uma revolução. Onde o presidente Caetano Levou com cravos até mais não.

3.º B M

25 de Abril feriado nacional que é em Portugal. Com um cravo vamos desfilhar e a festa vai começar

A minha turma vai ao desfile com o tema dos 50 anos de 25 de abril. Vamos desfilhar com o cravo ao peito e vestir verde, branco e vermelho.

3.º A J

Este ano vai haver um desfile e a escola vai desfilhar. O tema vai ser o 25 de Abril e eu vou de militar.

As crianças vão-se mascarar e algum menino irá de capitão. Na cabeça cravos irão levar e isso faz lembrar a revolução.

3.º A N

Este ano, o Carnaval vai ser sobre o feriado nacional. O 25 de Abril, quando era ditadura e era muito dura.

Vou fazer um desfile sobre o 25 de Abril. Vou ser florista. Aparecer na capa da revista.

3.º/4.º A N

Nas ruas vou desfilhar e também vou dançar. Vou vestir-me como um militar do 25 de Abril e comemorar.

Nesse dia vou pular E vou rimar. Vou-me esforçar para o 25 de Abril preparar.

3.º/4.º B N

No dia 25 de Abril houve uma revolução. Nas espingardas cravos colocaram para não haver aflição.

Para comemorar vamos desfilhar com cravos no coração. Vamos todos brilhar para não esquecer a tradição

4.º AJ

Vamos desfilhar para contar uma história de encantar. Com o povo a ajudar e os soldados a marchar.

Uma revolução sem armas. Rapazes e raparigas sobreviveram à revolução que vai ficar sempre no coração.

4.º A M

No desfile de Carnaval vamos celebrar o dia 25 de abril de 1974. Já passaram 50 anos a voar e agora estamos em 2024.

No desfile de Carnaval vamos celebrar a revolução que não causou agonia. Vamos vestidos de cravos a desfilhar todos juntos em grande alegria.

4.º B M

CELEBRAR O 25 DE ABRIL

Os alunos dos 2.º e 3.º ciclos que frequentam a valência de Apoio Especializado da Escola Básica de Corroios elaboraram um cartaz para a comemoração dos 50 Anos do 25 de Abril.

Este trabalho coletivo desenvolveu-se em várias fases. Primeiro, os alunos fizeram o visionamento de uma banda desenhada sobre a importância do 25 de Abril. Posteriormente, dividiram as tarefas e elaboraram um cartaz coletivo, utilizando várias técnicas de expressão plástica.

O cartaz será exposto na galeria da escola Mir'Art, para que todos possam apreciá-lo.

Joana Trindade e Vera Alves, 8.º B





ENTREVISTA A LEONOR ANDRADE, 62 ANOS (AVÓ DA MATILDE)

Que idade tinha no 25 de Abril de 1974?

Tinha 12 anos.

Como ficou a saber que estava uma revolução a acontecer? De que forma?

Porque ouvi através da rádio e pelo meu pai. Lembro-me de ir à janela e não ver ninguém na rua. O meu pai estava numa alegria constante, numa felicidade. Finalmente, a luta que ele fez durante muitos anos tinha dado «fruto».

Lembra-se de algo que a tenha marcado?

Quando o meu pai fazia convívios lá em casa havia alguma agitação, pois estava com os amigos e com o coronel e o meu vizinho mal visse alguma agitação chamava a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), pois achava que estavam a falar sobre como arruinar o governo.

A minha casa foi picada com ferros de metal no meu quintal, porque achavam que o meu pai tinha armas guardadas em casa. O meu pai foi muitas vezes preso, mas quase nunca cumpria a pena completa, pois pagava para sair mais cedo, os polícias acusavam-no e batiam-lhe e ficou com as marcas das chicoteadas que levava. O meu pai não foi preso tantas vezes quanto esperavam, pois ele mais os amigos fugiam pelas águas para não deixarem rastros. Ele faleceu com as marcas das chicoteadas que levava e com a bandeira de Portugal atravessada no caixão, a mesma que ele tinha colocado do rés-do-chão até ao segundo andar quando ficámos livres.

O que pensava da forma como se vivia antes da revolução?

Vivia-se mal, não havia liberdade de expressão.

Onde se encontrava quando soube da revolução?

Em casa.

O que sentiu quando soube que os militares estavam na rua?

Alguma alegria, porque o meu pai foi uma das pessoas que viveu sob a pressão, preso durante muitos anos sem fazer mal a ninguém, só porque tinha opiniões contrárias à política salazarista.

O que pensava de tudo o que estava a acontecer?

Eu não tinha muita noção com a idade que tinha do que estava a acontecer, ninguém sabia o que vinha a seguir de tudo isso, mas tranquila, sem grandes expectativas.

O que sentiu quando soube que os militares estavam na rua?

Alguma alegria, porque o meu pai foi uma das pessoas que viveu sobre a pressão, preso durante muitos anos sem fazer mal a ninguém porque era acusado por alguns indivíduos.

Como vê as mudanças depois do 25 de Abril?

Algumas boas e outras más, chegámos a uma liberdade excessiva em alguns pontos, por falta de regras e não era isso que se pretendia que acontecesse na altura. Após a revolução, foi-se para os extremos: do oito para o oitenta.

Que conselhos daria aos jovens atualmente?

Que tivessem juízo, que vivessem a vida, com alguma liberdade, com sentido de responsabilidade, que é aquilo que não temos nos miúdos de hoje.

Maria Venceslau e Matilde Freitas, 8.º B



(AUSÊNCIA DE) LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A liberdade de expressão e informação é um direito recente e hoje podemos exprimir livremente, sem sermos perseguidos e punidos por isso. Mas nem sempre foi assim.

Antes do 25 de Abril, o direito a nos expressarmos como desejávamos, de podermos fazer uma crítica ou comentar a política da época era impensável. Qualquer ato de oposição ao regime que fosse reportado à Polícia Internacional e de Defesa do Estado, tendo este realmente acontecido ou não, era punido com penas judiciais.

A censura ou exame prévio era o instrumento usado para a fiscalização destes atos. Era responsável pelo controlo de tudo o que pudesse ser negativo ou denegrir a imagem do governo.

Sabiam que os livros podiam ser retirados das livrarias se o Estado achasse que eram uma forma de oposição ao regime? Que as peças de teatro, antes de serem interpretadas, eram lidas e, caso se justificasse, eram retiradas as partes que consideravam ter ideias revolucionárias? Que até a imprensa era alvo da censura, não podendo transmitir nada que colocasse em causa a imagem do regime ou causasse dúvidas sobre o mesmo? Que os filmes necessitavam de uma licença de exibição para poderem ser projetados?

Então, para combater a opressão, os mais ardilosos utilizavam formas culturais como a música ou a poesia para criticar o regime ou a guerra colonial, tendo bastante atenção à utilização das palavras para não serem censurados ou presos, surgindo assim a frase «A Cantiga É Uma Arma».

João Constâncio, 8.º B

PODIAM TODOS IR À ESCOLA ANTES DO 25 DE ABRIL?

Antes do 25 de Abril, Portugal era um país subdesenvolvido, onde os direitos humanos fundamentais eram violados, sendo a educação um deles.

Nessa época apenas os mais ricos, e geralmente só os rapazes, é que tinham acesso à educação. As raparigas que conseguiam ir à escola era só num período em que os rapazes não fossem, por exemplo, de manhã, tendo depois outras atividades para realizar na parte da tarde. Poucos estudavam para além da quarta classe ou iam para a universidade, sendo a taxa de analfabetismo muito elevada.

Jovens com dificuldades motoras e de aprendizagem eram «postos de parte». Depois do 25 de Abril, a educação teve uma melhoria significativa, tornando-se obrigatória para todos os cidadãos, independente das limitações ou do género, tornou-se mais inclusiva.

Joana Trindade e Vera Alves, 8.º B





Agrupamento de Escolas Dr. António Augusto Louro



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Agrupamento de Escolas Paulo da Gama



Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Agrupamento de Escolas Terras de Larus



Escola Secundária de Amora



Agrupamento de Escolas de Vale de Milhaços



Agrupamento de Escolas Nun'Álvares



Agrupamento de Escolas Pedro Eanes Lobato



Agrupamento de Escolas de Pinhal de Frades



Escola Secundária Dr. José Afonso



Agrupamento de Escolas João de Barros

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal do Seixal
Projeto integrado no Plano Educativo Municipal
Departamento de Educação | Gabinete de Projetos Educativos
Divisão de Comunicação e Imagem
Tiragem: 5000 exemplares

Agrupamento de Escolas Dr. António Augusto Louro

Professores: Anabela Carreira e Isabel Preto
Alunos: Daiane Nascimento, Érica Butes, Júlia Ventura, Eva Palma, Natacha Ribeiro, Lara Mestre, Maria Inês Paiva, Ana Rita Oliveira, Sofia Xia, Inês Santo, Tiago Gouveia, Carlos Diogo, Kwame Pascoal, Matilde Silva, Maria Fiães, Sofia Oliveira, Rodrigo Patrocínio, Leonilde Varela, Alexandra Ferreira, Mariana Marques, Diogo Reis, Moisés Pereira, Davi Fernandes, Inês Lin, Yuri Pinheiro

Agrupamento de Escolas Paulo da Gama

Professores: Ana Bela Matos, Carlos Carrasco, Carlos Reis, Zélia Tostão
Alunos: Anderson Lima, Beatriz Freitas, Catarina Figueiredo, Diana Jacinto, Diogo Santos, Diogo Bagão, Guilherme Oliveira, Guilherme Roque, Lara Carvalho, Leonardo Figueiredo, Marco Chantre, Mariana Portugal, Miguel Nunes, Pedro Rodrigues, Pérola Gonzaga, Rafael Santos, Rita Lopes, Rodrigo Teles, Sara Fernandes, Yara Santos

Agrupamento de Escolas Terras de Larus

Professores/Educadores: Celina Busta, Graça Henriques, Fátima Santos, Filipe Gonçalves, Teresa Jorge, Dora Sargento, Rui Silva, Ana Matos, Carlos Gonçalves, Joana Segurado, Madalena Carvalho, Raquel Bernardo, Sofia Silva, Sara Martins, Maria de Lurdes Rebelo, Célia Milho, Sílvia Jones, Maria João Ribeiro, Alda Duque

Colaboração: Sónia Carvalho: (intérprete de Língua Gestual Portuguesa), Teresa Águas (assistente operacional)

Alunos: turmas do pré-escolar do agrupamento, Turma 4.º A e 4.º B da EB Foros de Amora, Turma 4.º A da EB Quinta das Sementes, Turma 6.º B da EB Cruz de Pau, Turma 7.º F da EB da Cruz de Pau, Turmas 7.º D, 8.º B e 8.º C da EB Cruz de Pau; Rita Melo do 4.º B da EB Quinta de Santo António; alunos EREB Bruno Rocha e Mafalda Fiéis do 9.º A

Agrupamento de Escolas de Vale de Milhaços

Professores: Anabela Rodrigues, Ana Minhós, Célia Santos, Cristina Botelho, Fátima Valente, Filomena Sousa, Margarida Silva, Sérgio Romão e Valentina Pereira
Alunos: Íris Lopes, Martim Gomes, Rodrigo Loureiro, Simão Silva, Diogo Lopes, Gonçalo Santos, Pietro Leoni, Beatriz Dias, Matilda Sequeira, Georgios Santana, Martim Sá, Rafael Martins, Sofia Ferreira, Mariana Santos, Mariana Spencer, Laura Mouquinho, Duarte Mendonça e Rafael Pinto, Rita Silva, Rodrigo Leal, Duarte Martins, Diogo Lopes, Lietitsya Soborova, Diogo Furtado Francisco Lages Hugo Carvalho, Beatriz Afonso, Miguel Figueiredo, Aisha Cassamá, Cristiana Chelmik (7.º, 8.º e 9.º anos)

Agrupamento de Escolas Pedro Eanes Lobato

Professores: Maria de Fátima Miranda e Eunice Marques e docentes das turmas do pré-escolar, do 4.º E, do 6.º e do 9.º anos.
Alunos: Estela Rodrigues e Laura Carvalho (9.º A), Beatriz Quintas (6.ºE), Matilde Calais (6.º F), Inês Oleirinha (6.º G), turma do 4.º E e alunos do pré-escolar.

Escola Secundária Dr. José Afonso

Professores: Alice Santos, Dora Pinheiro, Isabel Vaz, Luís Filipe Santos, Luís Sousa Santos
Alunos: Ana Moreira, Afonso Almeida, Beatriz Marques, Carolina Figueiredo, Clara Silveiro, Dário Diogo, Diego Brito, Diogo Santos, Ema Miranda, Eva Rodrigues, Jéssica Mesquita, Joana Carvalho, João Gerardo, Lara Pereira, Manuel Rebelo, Margarida Horta, Maria Leonor Hatmanu, Mariana Vieira, Mariana Costa, Mariana Silva, Matilde Gonçalves, Rafael Soares, Sara Lopes, Sofia Pereiros, Susi Rufino, Vitória Varge, António Ferreira,

Carolina Roque, Catarina Santos, Catarina Vale Santos, David Rosa, Dayane Pessoa, Diana Almeida, Diana Cotoman, Dinis Lopes, Eduarda Dantas, Gonçalo Santos, Lara Nunes, Inês Costa, Joana Pinheiro, Joana Teles, João Pequeno, Lara Nery, Letícia Tavares, Marta Oliveira, Marta Onofre, Nádia Torres, Raquel Praxedes, Rodrigo Osório, Sara Tavares, Tomás Santos

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Professores: Aurora Tavares; Ana Pires; Manuela Pereira; Maria João Taxa e Jorge Duarte
Alunos: Turma 11.º I de Multimédia, Anna Karina.

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

Professora: Ana Paula Gonçalves, Maria Manuela Lino, Susana Ferreira
Alunos: Marisa Algarvio, Lídia Jau, Matilde Franco, Tomás Maia, Bernardo Delgado, Maria Ribeiro, Bruna Fernandes, Beatriz Castanheira, Dayane Souza, Estefânea Pereira, Inês Rodrigues

Escola Secundária da Amora

Professores: Gabriela Benavente, Lídia Afonso e Rosa Botequilha
Alunos: Ana Gomes, Daniela Paiva dos Santos, Diogo Horta, Emily Cunha, Letícia Marques, Marisa Gaspar, Tiago Simões e Telma Lopes

Agrupamento de Escolas Nun'Álvares

Professores: EB/JI Nun'Álvares: Ana Guedes, Graça Alibai, Paula Ferreira, Carla Ramos, Inês Lopo, Célia Pires. EB/JI Arrentela: Margarida Alves, Isabel Cabrita, Carmelita Arvelos. EB/JI N.º S.º Monte São: Carla Infante. EB/JI Quinta de São João: Ana Cristina Sá, Sara Santos, Alice Ramires, Isabel Marques, Isabel Dias, Anabela Gonçalves, Manuela Castelo, Jorge Vitoriano, Sónia Lucas, Gilda Batista, Dina Luvumba, Daniela Luís, Filipa Mendes, Cristina Peru, Paula Mascarenhas, Cristina Frade, Conceição Lopes, Elisabete Martins, João Monteiro e David Pereira. EB Torre da Marinha: Ândrea Costa. EB 2,3 Nun'Álvares: Maria José Piteira, Maria José Leal, Antónia Milheiras e Isabel Rebocho.
Alunos: EB/JI Nun'Álvares: Turmas 1.º B, 1.º C, 3.º A, 4.º A, 4.º C, 1.º A. EB/JI Arrentela: Turmas 2.º A, 3.º A, 4.º A. EB/JI N.º S.º Monte São: Turma 4.º A. EB/JI Quinta de São João: Todas as turmas do pré-escolar e 1.º ciclo. EB Torre da Marinha: Leonor Ferreira, Rebeca Salvador (4.º A). EB 2,3 Nun'Álvares: Lia Silva (5.º A), Sandra Neto (5.º A), Duarte Correia, Mariana Nunes, Martim Batista, Paulo Fernandes, Pedro Mota, Rafael Morais e Santiago Ferreira (6.º D).

Agrupamento de Escolas de Pinhal de Frades

Professores: Paulo Rodrigues, Luísa Mateus
Alunos: Carolina Oliveira, Sara Martins, Carolina Matos, Inês Silva, Inês Simões, Íris Rocha, Marta Borge, Sara Correia, Mariana Galego, Afonso Martins, Afonso Ramos, Inês Félix, Márcia Dias, Beatriz Borges, Soraia Silva, Rafael Raminhos, Leonor Dias, Catarina Ramos, André Santos, Guilherme Guimarães, Lara Santos, Constança Soeiro, Ronaldo Gonçalves, Santiago Lage, Gabriel Mateus, Margarida Fialho, Martim Trabuço, Luana Correia

Agrupamento de Escolas João de Barros

Professores: Mariana Simão, Paula Barroca, Sílvia Faim e Sónia Almeida
Alunos: Afonso Mata, Ayrton Silva, Dárcio Bastos, Duarte Guedes, Eilany Lima, Isabela Santos, João Constandino, Joana Trindade, Lara Furtado, Liedson Caxito, Lourenço Carrufa, Lucas Faeda, Maria Venceslau, Matilde Freitas, Rodrigo Correia, Samuel Garcias, Vera Alves e turmas dos 3.º e 4.º anos das escolas do agrupamento